A surreal landscape with a mushroom-shaped tree in the foreground and a valley with a winding river in the background. The scene is rendered in a painterly style with a muted color palette of browns, greys, and blues. The tree has a thick, textured trunk and a large, rounded, reddish-brown canopy. The background shows a wide valley with a winding river, distant hills, and a hazy sky.

MILITIA

ANO VI — N.º 40

SETEMBRO - 1953

SUMÁRIO

NOSSA CAPA 90

EDITORIAL 5

DIVERSOS

Seleção e orientação profissional na F.P. - Cap. Ricardo Colaço França	6
Reumatismo - Cap. med. Flerts Nebó	12
Coisas da Fôrça Pública - Cel. Anchieta Torres	14
Natureza Jurídica do Inquérito Policial Militar - Agnello C. Penteadó	16
"Les Groggnards" - Cap. Sérvio Rodrigues Caidas	18
Rádio-Altímetro	20
Evolução da Polícia Militar do Distrito Federal - Maj. Darcy F. de Castro	26
7 de Setembro - A. Motter	36
A Epopéia do Jaú - Juvenal Lino de Matos	37
Economizar com a Polícia - Cap. Edson Queiroz	39
Dever Cumprido - Conceição Santamaria	42
Secção Feminina - Rita de Cássia	44

NOTICIÁRIO

Novidades Policiais-Militares	50
O Dia do Soldado na Fôrça Pública	52
Visita Honrosa	54
Aniversário de Fundação do II Rec. Mec.	56
O Dia da Pátria	57
Recebem dividendos os quotistas da Sec. de Reembolsáveis	63
Despedida do coronel Luiz Gonzaga de Oliveira	65
Visita-Formatura	66
Caixa Beneficente da Fôrça Pública	67

NOTÍCIAS DAS CO-IRMAS

Bahia e Distrito Federal (Polícia Militar)	68
Distrito Federal (Corpo de Bombeiros) e Paraíba	69
Paraná	70
Pernambuco e Rio de Janeiro	71
Rio Grande do Sul	72
Sergipe	73

EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

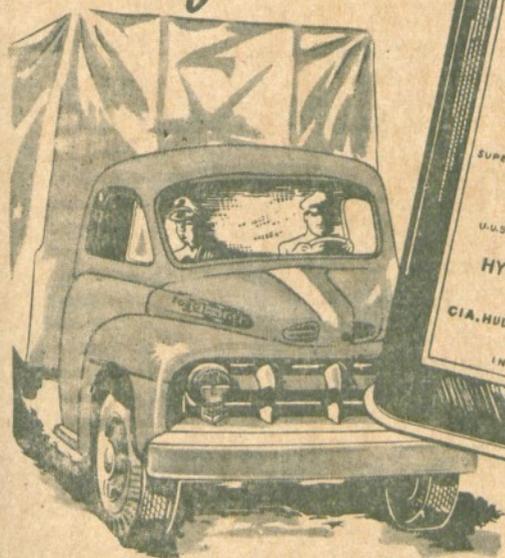
Prova "24 Horas Motociclisticas"	74
Galeria de Valores	76
Tenente Heitor de Abreu Soares	78
Em Saumur (França)	80
Prova "Caprile"	82
Troféu "Professor Lucas Nogueira Garcez"	84

RECREAÇÃO

Secção de Edipo	88
-----------------	----

MAIOR SEGURANÇA

— nos freios —



“HUDSON HIDRAULIC BRAKE FLUID-HEAVY DUTY”

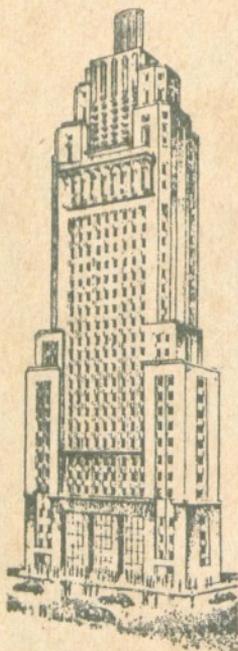
O óleo pesado para breque HUDSON, lançado agora pela primeira vez no Brasil, virá satisfazer plenamente às Companhias de Transportes Rodoviários, às Empresas de Ônibus e Terraplenagens, como também aos donos de Tratores e Máquinas Agrícolas, proporcionando-lhes um produto indispensável para a maior durabilidade e eficiência dos breques de veículos pesados e sujeitos a altas temperaturas.

A CIA. HUDSON DISTRIBUIDORA DO BRASIL, a maior fabricante de óleos para freios da América Latina, graças à sua aparelhagem de enlatamento mecânico, está apta a fornecer este produto, com preços especiais para revendedores.

COMPANHIA HUDSON DISTRIBUIDORA DO BRASIL S. A.

Rua Faustolo, 666/676 - Tel. 5-0905 - Telg. Otilur - S. Paulo

Banco do Estado de S. Paulo S. A.



oferece aos dignos membros das nossas gloriosas forças policiais e militares brasileiras um

SERVIÇO BANCÁRIO

RÁPIDO

EFICIENTE

SEGURO.

O nosso

DEPARTAMENTO DE DEPÓSITOS,

possuidor de perfeita organização, e dotado das mais modernas máquinas existentes, está habilitado a

RECEBER DEPÓSITOS

ou

PAGAR CHEQUES

dentro de poucos minutos e sem a menor espera !

M A T R I Z :

PRAÇA ANTONIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA

72 agências no interior do Estado de São Paulo, bem como nas cidades de: Rio de Janeiro (D. F.), Goiânia (Goiás), Campo Grande (Mato Grosso) e Uberlândia (Minas Gerais).

Dificuldades de vida... custo das utilidades... são, hodiernamente, na imprensa, no rádio, em qualquer encontro, temas tão cacetes quanto obrigatórios.

Sobre o assunto não há controvérsia. A ele se empresta carregado colorido, em contundente linguagem contra as autoridades, terminando, invariavelmente, com a integral transferência da culpa pela situação aos poderes públicos. Como fecho, a pessimista, séria e indefectível preocupação: como vão as coisas...

Estará certa a conclusão de que a vida é, dia a dia, mais difícil?

Será vantajoso o arraigado e difundido hábito, que mantém a sociedade em suspenso?

Certo que não.

Sensatamente, a ninguém é lícito falar em crescente dificuldade de vida. A verdade é bem outra. Não há muito, vinte anos talvez, não dispúnhamos dos serviços e assistência que a moderna técnica oferece. A época, o relativo conforto existente só era acessível à mínima parcela da população. Hoje sem dúvida, em todas as camadas sociais se dissemina o uso dos meios que asseguram ao povo saúde, educação e bem-estar. Os rápidos transportes e comunicações, especialmente como necessidade, já não são privilégio de grupos sociais. A adequada difusão de escolas de todos os graus, dos centros de saúde, dos postos de puericultura, dos parques infantis, vai tornando mais despreocupada a vida dos menos afortunados. A assistência social, a socialização da medicina, progressivamente ampliadas, em esforço conjugado do governo e entidades particulares, vão possibilitando ao povo novas e melhores condições de vida. Descanso remunerado, férias com colônias a beiramar, estabilidade no trabalho, assistência hospitalar, aprendizado técnico, recreação... Tudo isso, em passado recente, era quimera!

Como seriam felizes nossos pais se na mocidade contassem com o que hoje nos oferece a vida!

Claro que não vivemos num paraíso. Sérias dificuldades ainda hoje assediam boa parte da população, especialmente na zona rural. Mas, a queixa generalizada, constante e irreverente, se faz sentir, principalmente, nos centros urbanos. O fato já se torna verdadeira psicose coletiva, com graves reflexos sociais. Põe em sobressalto a sociedade, levando-a, sem razão, ao desespero e à revolta; estimula a ganância entre os jovens, conduzindo-os ao desejo, naturalmente insatisfeito, de começar a vida por onde os outros terminam; acarreta, enfim, clima propício ao aventureirismo.

A limitação da circulação e da distribuição, no momento, constituem, os graves óbices que se antepõem às atividades humanas nos centros urbanos; consequência lógica do avassalador progresso e do êxodo das populações para a cidade, tais obstáculos, não tenhamos dúvida, dentro em pouco estarão superados.

De outro lado, embora em flagrante contraste com os diuturnos comentários da imprensa e do rádio, com intuítos nem sempre confessáveis, urge proclamar que o aumento crescente do custo das utilidades, diretamente, não acarreta maiores dificuldades ao povo. Se é certo que os preços aumentaram vertiginosamente, não é menos exato que os rendimentos (salários, lucros comissões, vencimentos, etc.) vêm crescendo na mesma proporção.

Naturalmente, dias difíceis sempre surgiram e hão de surgir, antepondo-se à marcha dos homens. O que importa, porém, é ensinar aos moços como enfrentá-los para, vencendo, se sentirem pagos e satisfeitos.

Vamos mudar de hábito. Adotemos a otimista divisa do ilustre Padre Desmarais: "O mundo será melhor e mais feliz porque eu vivo".

**O PROBLEMA DO ALISTAMENTO E O
APROVEITAMENTO RACIONAL DO HOMEM**

Seleção e orientação profissional na Fôrça Pública

Conferência proferida pelo
Cap. RICARDO COLAÇO FRANÇA

(I)

O objetivo primacial desta palestra é colocar a oficialidade da Fôrça a par do que estamos realizando em matéria de psicotécnica e do que pretendemos ainda realizar; na consideração de que possamos contar com a colaboração efetiva de nossos superiores e camaradas.

Antes de iniciarmos a exposição do assunto que nos incumbe tratar, desejaríamos esquematizá-lo primeiro, pretendendo com isso, alcançar nosso desideratum de clareza e de concisão. Passamos, assim, à análise do quadro mural que é apresentado.

QUADRO MURAL N.º 1

RESUMO

- I — Conceitos:—**
Psicotécnica - Seleção - Orientação profissional.
- II — Tarefas que executa o D.A. S.O.P.**
Seleção de candidatos ao alistamento.
Seleção de candidatos à Escola de Oficiais.
Seleção de candidatos aos quadros de motoristas e motociclistas da Fôrça.
- III — Causas de desajustamento na relação homem-trabalho.**
Causas secundárias:—
Investigação do caráter.
Orientação sôbre o sistema de vida na coletividade policial-militar.
- Orientação profissional.
Escola única para a formação do recruta.
Causa fundamental:—
Deficiência momentânea de meios.
- IV — Processo de trabalho e resultados obtidos.**
- V — Conclusões.**
Falaremos, de início, sôbre alguns conceitos que reputamos essenciais, para que o assunto a tratar possa ser, satisfatôriamente, compreendido. Assim, de modo sucinto, diremos o que é psicotécnica, seleção e orientação profissional. A seguir, abordaremos as tarefas que, no mo-

mento, realiza o D.A.S.O.P. Depois, analisaremos as causas de desajuste na relação homem-trabalho, conseqüência lógica do que denominamos inadaptabilidade ao serviço. Para finalizar, passaremos às conclusões, sem nos esquecermos, porém, de levar ao conhecimento do auditório, alguns aspectos do nosso processo de trabalho e os resultados estatísticos até agora obtidos.

Comecemos, então, pelos conceitos.

Conceituando, clãssicamente, a psicotécnica ou tecnicopsicologia seria o emprégo dos princípios psicológicos para a formação oportuna de realidades da civilização, ou ainda, o conjunto dos princípios gerais que regem as aplicações práticas da psicologia. Desejando objetivar melhor o que foi exposto, poderíamos apresentá-la como o conjunto de conceitos e práticas psicológicas que pretende processar um ajustamento ade-

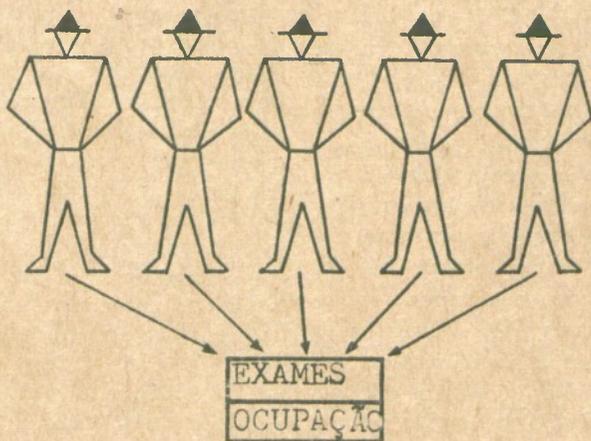
quado entre o homem e suas atividades. No rol dessas atividades encontra-se o trabalho humano e é aí que a psicotécnica nos faculta determinar as aptidões e capacidades individuais de um lado e as condições da ocupação ou ocupações a realizar, de outro. De tudo isso se infere que a tecnicopsicologia nos permite, no campo do trabalho, efetuar a seleção, adaptação, orientação profissional e readaptação do homem para a tarefa que exerce ou vai exercer.

Em se tratando de adaptação e readaptação, os significados comuns desses termos são suficientemente claros, para que tenhamos uma idéia sôbre os respectivos conceitos no terreno da psicologia aplicada. Não acontece o mesmo, todavia, com a seleção e orientação profissional. Assim, no intuito de desfazer possíveis dúvidas, apresentamos êste quadro mural que colocará em evidência os conceitos de uma e de outra, ressaltando as diferenças existentes.

QUADRO MURAL N.º 2

Seleção

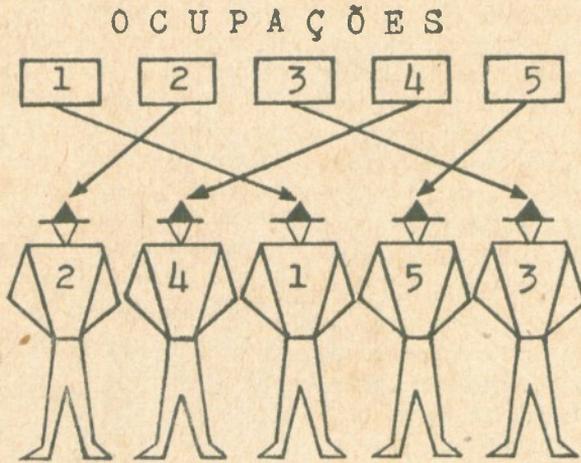
Escolha dos melhores homens para uma determinada ocupação.



MILITIA

Orientação

Escolha da ocupação mais adequada para cada indivíduo.



Seleção profissional seria, então, a escolha dos melhores homens para uma determinada ocupação; orientação profissional, a escolha da ocupação mais adequada para cada indivíduo. Ambas as tarefas exigem:—

- 1.º — Análise da ocupação;
- 2.º — Determinação das aptidões e capacidades individuais.

Passemos para o segundo item do nosso quadro resumo.

Atualmente, realizamos na Fôrça apenas os misteres referentes à seleção e, dessa forma, escolhemos no meio civil, mediante a utilização de certos testes, que mais adiante especificaremos, os melhores homens para o nosso tipo geral de ocupação policial-militar, entre aqueles que se apresentam como candidatos ao alistamento. Como é do conhecimento do auditório, êsses candidatos se submetem, também, a outros exames, cuja finalidade é a verificação de suas

aptidões físicas gerais. E' evidente que tudo isto pesa na balança da seleção; entretanto, trataremos aqui, particularmente, dos testes que aplicamos e do nosso processo de seleção profissional.

Com relação a êsse setor, é de salientar-se que os indivíduos qualificados como «melhores» o são, relativamente, como aliás, não podia deixar de ser, dentre aqueles que procuram os nossos quartéis desejosos de ingressar na corporação. Daí advém, até certo ponto, o motivo pelo qual constatamos com pesar, que mesmo êsses chamados «melhores homens» nem sempre se revelam valores positivos, quando no desempenho efetivo da ocupação elegida. Porém, no conjunto geral de examinados, êles podem ser considerados como aptos para as funções policiais-militares, no âmbito de suas atribuições. Acresce ainda que, as causas de desajustamento entre o homem selecionado e o trabalho a executar

não decorrem, exclusivamente, por deficiência no processo seletivo; mas, via de regra, pela incidência de outros fatores que em breve examinaremos.

Além da seleção de candidatos ao alistamento, o D.A.S.O.P. seleciona candidatos à Escola de Oficiais e elementos da própria Força que se destinam aos quadros de motoristas e motociclistas. Já temos selecionado, também, candidatos ao Serviço de Policiamento Florestal do Estado e motoristas para a Secretaria da Segurança Pública.

Nossa tarefa precípua é, todavia, no momento, a seleção do futuro soldado e, dessa maneira, as palestras que nos foram programadas estão, diretamente, orientadas para esse setor.

Atualmente, para a seleção desses elementos utilizamo-nos de testes de nível intelectual e de personalidade. Infelizmente, apenas o emprêgo dessas provas não nos permite vaticinar uma conduta exemplar ou mesmo aceitável a ser mantida pelo indivíduo selecionado. Note-se ainda que uma prova ou teste psicotécnico está longe de ser uma inflexível e aferida medida de grandeza. Entretanto, embora não representando medida ideal, qualquer teste que satisfaça os requisitos exigidos pela metodologia psicotécnica diz muito mais do que os processos de rotina, eis que sua aplicação nos proporciona conhecimento bastante satisfatório do indivíduo examinado. E é de se considerar, ainda, que o indivíduo, praticamente, sai do nosso controle logo após a seleção e que outros fatores podem intervir, originando os casos de inadaptabilidade.

Anima-nos o propósito de melhorar sempre nosso sistema seletivo e, visando corrigir falhas que vão sendo notadas, elaboramos alguns estudos tendo em mira determinar as possíveis causas de desajuste, responsáveis pela grande maioria de deserções e exclusões por motivos disciplinares.

Conseguimos apurar, de início, que a conduta irregular do elemento selecionado e alistado é motivada por diversos fatores entre os quais destacamos os seguintes:—

1 — Como fatores secundários

a) Dificuldade na investigação do caráter.

Um dos problemas mais complexos com que se defronta a psicologia aplicada é, sem dúvida, o da investigação do caráter. Muito já se tem estudado e escrito a respeito, mas as provas ainda hoje utilizadas são por demais subjetivas. Para comprovar esta assertiva bastaria considerarmos o fato de que, como regra geral, tais provas permitem, ao examinando, respostas falsas aos questionários que lhe são apresentados. E' muito comum o indivíduo responder às perguntas que lhe são formuladas obedecendo aos seus ideais de intenção e ação éticas ou ainda, quando possuídos de certas capacidades intelectivas, falsear as respostas procurando ludibriar o examinador, passando por aquilo que realmente não é. Nós sabemos que cada indivíduo é o que é e não o que pensa ou deseja ser e muito menos o que os outros julgam que ele seja. Daí advém toda a dificuldade com relação à investigação do caráter. Como aplicamos na seleção, unicamente, testes de personalidade e de inteli-

gência, são assás relativas as nossas possibilidades de prognosticar quanto à normalidade das reações intelectivas e personalísticas do examinando, dentro do grupo a que pertence. Porém, sendo o caráter um aspecto da personalidade e para precisarmos melhor, o aspecto conativo dessa personalidade, pouco se poderá dizer quanto ao sistema de vida do elemento alistado, sem o emprêgo de uma prova que nos permita algum conhecimento da realidade impulsora de seu ciclo psíquico; ou, em outros termos, do conjunto de atividades que se iniciam com a intenção e terminam com a ação. Para solucionar, pelo menos em parte, êste problema, o D.A.S.O.P. estuda no momento a confecção de um teste caracterológico, a título experimental, calcado em outros já existentes mas, adaptado ao nível intelectual dos elementos que nos procuram. Esperemos, portanto, pelos resultados.

b) Falta de orientação sôbre o sistema de vida na coletividade policial-militar.

O alistando, de um modo geral, não está, por si só, em condições de avaliar a importância da decisão que tomou ao pretender ingressar na Corporação. Além do mais, desconhece o esquema da organização policial-militar e o sistema de vida com o qual irá se defrontar. Quando se trata de indivíduos que já fizeram o serviço militar, a primeira impressão

que os domina é de que a vida em nosso meio será, para êles, um prolongamento da que levaram nas unidades militares de origem. Para os que, por causas várias, não estiveram ainda em contacto com a caserna, o problema é mais sério. Estes homens não têm a menor idéia sôbre o que seja um regulamento, hierarquia, disciplina e tudo mais que se relacione com a coletividade, dentro e fora dos quartéis.

Julgamos imprescindível que todo alistando antes de ingressar na escola para a qual se destina, já tenha, pelo menos, uma noção sôbre a importância do papel que irá desempenhar, dos deveres fundamentais a cumprir e das regalias que gozará.

Pretendemos tornar efetiva essa orientação que será, tanto quanto possível, prática. Tencionamos ministrar aos candidatos aprovados nos exames de seleção uma palestra sucinta e objetiva, na qual, com o auxílio de quadros murais e projecções cinematográficas, façamos com que êles possam tomar o primeiro contacto com as questões básicas de nossos regulamentos e com o regime de trabalho nas escolas de formação.

Além dessa orientação inicial, reputamos urgente a efetivação da assistência psicológica ao homem que deve se prolongar, na pior das hipóteses, até sua formação. Na terceira palestra, voltaremos ao assunto.

—:—

As mulheres não foram feitas para a fuga; quando correm é porque desejam ser perseguidas.

ROSSEAU



Para que esta marca esteja em

BOAS MÃOS

pagamos o que custa o serviço!

O serviço de nossos aviões é levado ao máximo antes de cada vôo, graças aos recursos de que dispomos e à comprovada experiência do nosso pessoal técnico. Para que a milhares e milhares de nossos passageiros seja proporcionado em tôdas as ocasiões o *Conforto Aerovias*, mantemos uma equipe de homens e de máquinas rigorosamente selecionados.

Recife? Belém?

Sirva-se dos luxuosos

"Skymaster" da

AEROVIAS BRASIL

R. Libero Badaró, 370

Fones: 32-5133 e 34-6000

Encomendas:

Fones: 36-2960 e 36-4302

AEROVIAS BRASIL

PANAM - Casa de Amigos

Chave dos bons caminhos

REUMATISMO

Flerts Neló
Capitão médico

(I)

Com certa freqüência, vêm ter a nós vários elementos da Fôrça ou seus familiares, que se queixam de serem portadores de "reumatismo".

Para u'a melhor difusão do que seja "reumatismo", faremos uma série de publicações, a fim de que aqueles casos que verdadeiramente necessitem de um tratamento, o possam fazer no menor espaço de tempo possível, e não deixem que o processo continue em sua evolução para mais tarde, ao quererem fazer um tratamento adequado, tenham que limitar-se simplesmente ao uso de paliativos, ou então o que é muito pior, caírem nas mãos de curandeiros ou das "eternas comadres".

"O estudo das afecções reumáticas está atravessando uma etapa crítica. Dir-se-ia que assistimos ao nascimento da Reumatologia como um novo ramo da ciência médica, já que deixou de ser um capítulo cerrado da patologia, dedicado ao conhecimento de uma doença. Ao seu aparecimento, ainda carece a Reumatologia de fronteiras definitivas e nisso precisamente se apoia a fôrça com que a vemos surgir da misteriosa pedra que antigamente fechava o baluarte do azar, do enigma e do milagre.

O erro de quantos acreditaram que o reumatismo era uma doença definida ou um pequeno grupo de doenças mui-

to definidas, foi o limitar-se ao exame concreto e descritivo de uns sintomas, ou a aplicação de umas drogas sancionadas por uma curta e rotineira experiência. Nunca como aqui estariam tão bem aplicadas as seguintes palavras de Milton Silverman: "Por trás das drogas deve haver algo mais que os resultados, as fórmulas químicas e a filosofia da farmacodinâmica: deve haver homens".

E o que é um reumático? Eis aí uma grande pergunta. Já é bastante avanço, que a medicina atual possa fazer essa mesma pergunta.

Poderíamos dizer que até agora ignorávamos sequer a realidade do "reumático". Ao abordar o problema de uma artrite, com um critério pessoal, o ginecólogo Bernard Aschrer considera um passo necessário e útil o "tratar ao doente como um todo", e reivindica, assim, uma moderna terapêutica constitucional. Os médicos que clinicam em estações termas não ignoram que existe certos fatores geográficos e psicológicos que parecem fazer brotar os conglomerados de reumáticos, do mesmo modo que a natureza faz brotar do seio da terra os mananciais e os bosques ou que certas substâncias específicas produzem uma aglutinação bacteriana. Porém, em verdade pode-se afirmar que o reumático, queira-se ou não, formava um mundo à parte, algo

assim como "a terra de ninguém" ou como uma zona crepuscular para onde convergê o mais heterogêneo: a sensação de incapacidade do médico; a falta segurança do acadêmico, a viva curiosidade do cientista, o êxito milagreiro do curandeiro, e místico clamor de ceticismo galênico de tôda essa solidária grei de sêres doentes colocados à margem da ciência médica.

Hoje começamos a dar-nos conta de qual deva ser o objecto do estudo da reumatologia, e onde está o dito objecto de estudo. Os novos descobrimentos nos ensinaram também quais são os métodos de trabalho. Por êles o conhecimento das chamadas afecções reumáticas sofrem uma transformação prodigiosa, que desorienta pela amplidão do horizonte que se abre aos nossos olhos.

Recordamos, a êste propósito, uma parábola de Edington: um ictiólogo explorava a vida oceânica, lançando sua rêde à água e extraíndo uma grande variedade de peixes; porém só obtinha aqueles peixes cujo tamanho lhes impedia de atravessarem as malhas da rêde. E por isso deduz que tudo aquilo que não é captado por sua rêde, encontra-se "ipso-facto" fora de seu campo de ação e não formará parte do reino definido dos peixes, como tema do conhecimento ictiológico. E' para nós uma proveitosa parábola.

A velha rêde do reumatismo clássico já não serve. E' necessário aproveitar-se as novas técnicas procedentes de novas disciplinas, as novas disciplinas, as novas concepções procedentes de todos os ramos da ciência. A endocrinologia, a bioquímica, a neurologia, a bac-

teriologia, a osteologia, a radiologia, a hematologia, a embriologia, entre muitas muitas outras, trazem ao conhecimento reumatológico dados e noções que permitem abordar sob novo prisma muitos problemas que até há pouco permaneciam obscuros.

O exame da evolução histórica das doutrinas relativas ao reumatismo constitui, sem dúvida, a melhor introdução ao estudo dos modernos problemas sob um critério científico. Os erros do passado podem salvar-nos dos dogmatismos do presente. E também o nihilismo consecutivo à surpresa, hoje freqüente, de ver-se derrubado um conceito que se acreditava irremovível ou básico, por uma simples descoberta terapêutica, seja ou não transcendental. No momento atual o mundo médico está desconcertado ante o espetacular aparecimento de novos hormônios hipofiso-corticaes. Existe quem discuta apaixonadamente a realidade dos efeitos terapêuticos; porém, esquece que o transcendental desta descoberta não é o seu valor prático mas o seu aporte ao conhecimento patogênico; seu significado revolucionário na Reumatologia.

Dada, assim, uma introdução ao momentoso assunto que é a Reumatologia, diremos que será bastante interessante o conhecimento de sua evolução, isto é, a sua história, pois que como veremos em próximo artigo, é uma das doenças mais antigas de que se tem conhecimento; teremos ainda oportunidade de dizermos o que estão fazendo os americanos do norte em relação aos seus soldados atacados por êste grupo de doenças, que tem uma percentagem mais elevada que a tuberculose e que o câncer.

Coisas da Força Pública

pel Anchieta Torres

ATLETISMO E UNIFORME



A equipe de pedestrianistas da Força Pública vem se destacando cada vez mais. Sua última e estrondosa vitória foi na "Corrida da Fogueira", realizada em junho último, no Rio de Janeiro, na qual os nossos corredores, como sempre, levaram a palma da vitória, seja individual ou coletivamente.

Até o "velho" Joaquim Gonçalves da Silva lembrou-se dos saudosos tempos em que brilhava na "S. Silvestre" e outras provas tão duras como aquela e levantou espetacularmente um segundo lugar, esplêndida vitória para um atleta de sua idade, enfrentando valores do quilate dos que com ele competiram.

Com essas considerações vem a pelo lembrar como foi introduzido o pedestrianismo na Força Pública, coisa

já de mais de trinta anos passados e agora pouco conhecida.

Foi em 1919 (ou 20?) que a direção esportiva de "O Estadinho", como era conhecida a edição vespertina do jornal "O Estado de São Paulo", que então se publicava nesta Capital, com o intuito de desenvolver o esporte-base entre nós, resolveu patrocinar uma prova de rua, a que deu o nome de "A volta de S. Paulo".

Feita a chamada dos concorrentes, verificou-se a inscrição de um número animador, para a época, considerando-se a dureza da prova para atletas iniciantes em corridas de tal natureza, e o pouco de interesse que despertavam as competições esportivas que não fossem futebol.

Apesar de a distância não atingir os 42.250 metros, popularmente a prova recebeu o nome de "Maratona" e os concorrentes sempre assim a chamavam.

O pessoal do 1.º Batalhão, o pioneiro, os tenentes Cesar e Rômulo à frente, entusiasmou-se e resolveu concorrer.

Solicitada a autorização do comandante, o saudoso cel. Pedro Dias, foi ela concedida, com uma condição apenas: os concorrentes deveriam tomar parte na prova uniformizados e equipados. Depois de muita ponderação o equipamento foi posto de lado, mas do uniforme nenhuma peça poderia faltar.

nem mesmo o quépi, os sapatões ferrados as perneiras... Só mais uma concessão foi feita: os participantes poderiam, como autorizavam as prescrições para as marchas, desabotoar a gola e os dois primeiros botões da túnica... E o pessoal passou a treinar intensamente.

Eram dois grupos, um do Rômulo e outro do Cesar que, diariamente faziam o itinerário estipulado, primeiramente em parte e depois no seu total sempre em forma e em acelerado regular.

Finalmente chegou o grande dia e, ao se apresentarem nossos concorrentes perante os juizes da partida, foi um escândalo.

Como poderiam participar, uniformizados, de borzequins ferrados inclusive, de uma prova tão difícil?

Mas... ordem é ordem, como dizia o Deodato, o prêto velho que vivia no quartel de Campinas.

Dada a saída, os dois grupos partiram impecavelmente formados, em coluna por dois e mantiveram a formatura durante a primeira parte do percurso.

No decorrer da prova, porém, os mais ardorosos, vendo aquêlo mundo de paisano à frente, foram despregando da formatura e avançando. Ao atingi-

rem a subida do Ipiranga, o ponto chave da corrida, já se via um ou outro sem quépi. Mais adiante desfazia-se de uma perneira incomoda, de uma blusa... Finalmente, a quase totalidade dos nossos atletas improvisados chegou à meta aos grupos de dois e três. Não foram os primeiros. Também não foram os últimos.

Os jornais do dia seguinte, ao comentarem a corrida, salientaram que, se nossos homens tivessem concorrido adequadamente uniformizados, poderiam fazer muito mais. Uma coisa destacou-se: a disciplina da turma foi notável. Seus componentes chegaram ao fim da corrida distantes poucos minutos uns dos outros.

O pior não foi o resultado. Foi a recepção, pelo comandante, aos dois infelizes chefes de turma.

Quando no dia seguinte chegaram ao quartel, havia ordem para informar porque seus comandados debandaram durante a prova e porque alguns dêles, contra todos os princípios disciplinares, haviam-se desfeito de peças do uniforme...

E foi assim, praticando tremenda rata, que a Fôrça Pública iniciou uma modalidade esportiva de que é hoje astro inconteste.



Os dois mais populares propagandistas da abolição da escravatura em nosso país, Luiz Gama e José do Patrocínio, estão intimamente ligados à Fôrça Pública de São Paulo.

Luiz Gama foi soldado e, posteriormente, cabo do Corpo de Municipais Permanentes, onde serviu perto de seis anos. E' possível que essa permanência em nossas fileiras lhe tenha possibilitado conhecimentos e meios para que mais rapidamente se projetasse no cenário político nacional.

Posteriormente seu filho Benedito (Benedito Gracho da Gama) capitão de engenheiros do Exército, comandou, por alguns meses, nosso Corpo de Bombeiros e, depois de reformado, foi engenheiro electricista do mesmo corpo.

José do Patrocínio não pertenceu às fileiras de nossa querida milícia. Teve, porém, um filho, o caçula, Marceu Carlos do Patrocínio, o qual em 1915 alistou-se no Regimento de Cavalaria, onde serviu dois anos, chegando à graduação de 1.º sargento.

NATUREZA JURÍDICA DO

INQUÉRITO POLICIAL-MILITAR

Cometido, pelo indivíduo, um fato aparentemente considerado delituoso, "o dever de punir do Estado, sai de sua abstração hipotética e potencial para buscar existência concreta e real" (Pessina), tornando assim necessária a "persecutio criminis" (perseguição do delinqüente), que compreende dois momentos:— o da investigação e o da ação penal. Através do primeiro, o Estado, no uso do seu poder de polícia, trata de apurar a prática da infração, promovendo o inquérito policial, preparando, desta forma, a ação penal.

O I.P.M. (art. 113 do Código de Justiça Militar) consiste num processo sumário em que se ouvirão o indiciado, o ofendido e testemunhas em número não menor a três, e far-se-á além do auto de corpo de delito nos crimes que deixam vestígios, quaisquer exames e diligências necessários ao esclarecimento do fato e suas circunstâncias, inclusive a determinação do valor do dano. Não é propriamente um processo, da mesma forma que o inquérito policial comum, e sim uma reunião de peças versando em torno de um fato criminoso e sobre o qual se procura investigar a verdade quanto à sua autoria, sua materialidade e o valor que possa ter o dano. Não é um ato judicial, um processo regular pelo qual possa haver condenação ou absolvição, mas um ato extra-judicial, uma informação preparatória e preventiva, feita enquanto não intervém a autoridade judiciária competente; é, em síntese, uma peça de

Agnello Camargo Penteado

(Juiz Auditor Suplente da Justiça Militar do Estado de S. Paulo).

instrução ou instrumento para servir de base à denúncia. Daí, por via de regra, o ser secreto e sumaríssimo e, durante êle, não admitindo defesa.

O escôpo do I.P.M. está nas informações que presta à Justiça Militar acêrca dos meios de provas com que pode esta contar para demonstração, em seu Juízo, da realidade criminal. A atividade judiciária de verificação da realidade criminal exprime-se, no processo, pelo exercício conjugado do poder-dever do Juiz, e do direito de acusação e do direito de defesa, atribuídos às partes. Entretanto, nem estas e nem o Juiz produzem provas sem prévio conhecimento de sua adequação ao caso concreto, que há de constituir o objeto da instrução judiciária, e de sua suficiência na demonstração processual da realidade. A investigação dos meios de prova é, por isto, vestibular à ação penal, servindo tanto ao exercício da jurisdição quanto ao dos direitos de acusação e defesa.

Essa atividade de investigação preliminar cabe, especificamente, à autoridade incumbida do I.P.M. e constitui o seu conteúdo que, como conjunto de peças escritas, tem, assim, função mar-

cadamente informativa, habilitando os agentes da produção dos meios de prova, no processo, ao cumprimento racional de sua missão, pelo prévio conhecimento do mérito de tais meios. No I.P.M. é pesquisada, antes da instrução judiciária, não a realidade criminal em si, mas, em função dessa realidade, os meios de judicialmente demonstrá-la. Não tem a indagação policial, ensina Inocêncio Borges de Rosas, influência direta e imediata sobre a condenação ou absolvição do réu, conclusões estas que dependem tão somente da prova colhida na instrução criminal, isto é, na formação da culpa perante o Juiz, pelo que aí são as provas colhidas novamente. O I.P.M. pode ser considerado uma "fotografia" descritiva dos acontecimentos que tem por objeto. A sua análise, para conclusões, é feita em Juízo.

Melhor se compreende a natureza meramente informativa do I.P.M., salvo o corpo de delito que tem valor

probatório, quando se dá relêvo à garantia constitucional de defesa (parag. 25 do art. 141 da Const. Federal), também chamada contrariedade, que impera no âmbito judicial do procedimento. Do ponto de vista constitucional, pois, perfeitamente admissível é que se desenvolva a atividade da investigação de defesa, aliás já reconhecido pelo Superior Tribunal Militar, em recente Acórdão: "Não é admissível a intervenção de advogado durante as averiguações policiais, não se assegurando, por isso, ao indiciado, o direito de comunicabilidade com advogado". (Habeas-corpus n.º 25.011, publicado no D.O.U. de 14-I-53, apensó ao n.º 11, pag. 130).

A atividade policial face ao crime é, conseqüentemente, inquisitiva, tão só, o que assegura, com a maior liberdade de ação e a melhor oportunidade de segredo das diligências, o necessário êxito na descoberta do fato delituoso e na pesquisa e conservação dos meios de provas.

Se você deseja obter qualquer das fotos insertas nesta revista, procure:

FOTO

"DUQUE DE CAXIAS"

Especialista em reportagens fotográficas militares, policiais e esportivas.

Rua Libero Badaró, 651

— 2.º andar

— São Paulo



“LES GROGNARDS”

*Cap. Sérgio Rodrigues Caldas
(Colaboração póstuma)*

FOI num escritor norteamericano que encontrei uma definição curiosa da infantaria: «in the infantry you march, you march and dead.»

E foi na marcha, o eterno caminhar para a frente, correndo atrás dum inimigo esquivo que ao ser encontrado fazíamos correr, que conquistamos nosso passado de tradições.

A fotografia que ilustra este trabalho, foi tirada em «qualquer ponto de Goiás».

Conhecemos a Força Pública de outrora, com seus fardamentos luzidios, suas mochilas de couro brilhante, suas formaturas impecáveis.

Conheçamos agora, uma outra Força, aquela cujo áspero dever chamou um dia para pacificar este Brasil querido, mas Deus meu... tão grande. Milhares de quilômetros a pé, faltando tudo, menos a vontade férrea de cumprir, ao último extremo, o dever para com a Pátria.

Olhemos bem os dois soldados que aqui vemos.

Jamais os chamaríamos com aos franceses os «grognards» dos tempos napoleônicos. Eles não resmungavam. Marchavam, marchavam, sofriam e morriam.

Eram pobres, quase analfabetos, mas aí está o que eram: rotos, descalços, exaustos, sem muito que apreciar na vida, mas homens, homens de fibra.

Palmilhando sertões, de pé no chão, o seu armamento, porém, representava a ordem e a força da lei.

Os dois soldados dessa fotografia são desconhecidos, são apenas dois homens que talvez tenham morrido em 1926, sabe Deus onde.

Eles, todavia, têm o direito de perguntar a cada um de nós: camaradas, o que fizeram vocês da nossa Força Pública?

E nós, nós não podemos dizer a eles que vivemos à custa daquele passado que nos legaram.

Estamos na obrigação moral de mostrar que o presente é tão digno quanto os velhos tempos, e que estamos vivendo o mesmo espírito que os levou a tamanho sacrifício.

A Força Pública não pode ser menor que a de ontem, embora com outros homens e outros rumos.

Não podemos nos esquecer que os «grognards» de Napoleão, resmungavam mas seguiam sempre para a frente.

Comércio e Indústrias Arguiso Ltda.

FORNECEDORES DA FORÇA PÚBLICA

EXERCÍTO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Rua Duque de Caxias, 925

Caixa Postal, 4062

Fone 36-2397

End. Teleg. «ARGUIISO»

— SAO PAULO

NOVOS ESTATUTOS DO CLUBE MILITAR

Vem funcionando, em continuação, a Assembléa Geral do Clube Militar da Força Pública. E' que se encontra em discussão o ante-projeto dos novos estatutos da entidade social.

O fato vem despertando interesse incomum e a oficialidade da ativa e da reserva está vivamente empolgada com o assunto. Oportunamente, voltaremos a noticiar em detalhes as decisões da Assembléa.

RÁDIO-ALTÍMETRO

ESCREVEU GIM

Para quem nunca fez viagem aérea em noite tempestuosa, o fato de nada saber a respeito de um rádio-altímetro não altera, nem para melhor, nem para pior. «alguns momentos» de sua vida.

Para quem já a fez sabendo o que é essa coisa de altímetro, êsses «alguns momentos» não foram dos piores. Quando muito deram aso a um Padre Nosso em favor do bom funcionamento das válvulas e da inexistência de um curto-circuito nas instalações.

Mas os que a fizeram sem nunca ter tido a curiosidade de saber que «raio de rádio» é êsse, terão passado maus bocados quando o avião começou a cair em buracos invisíveis, dentro do grande buraco-espaco.

Neste rol estará o nosso amigo Benedito.

Benedito era um pobre diabo, cujo sonho dourado sempre fôra o de fazer uma viagem aérea. O dourado de seu sonho já estava até desbotado, de velho que ia ficando. Eis que por um feliz encadeamento de circunstâncias «arranjou» uma ida de São Paulo ao Rio, num desses transportes militares com dois bancos em sentido longitudinal, um de cada lado do avião.

E, como tôdas as coisas arranjadas, essa também tinha suas desvantagens. A viagem seria ao anoite-

cer. O entusiasmo do Benedito, porém, não via diferença entre ir de dia ou ir de noite.

Na decolagem, afora o frio da barriga, o resto foi sem novidade.

Mas agora, aquela nuvem espessa, a escuridão lá fora e os buracos!

Ei-lo todo encolhido, dentes cerrados, olhar pulando daqui para ali, na vã tentativa de divisar qualquer coisa através do vidro das janelas, além daquela mancha avermelhada de um lado e da esverdeada do outro, indicadoras das lampadzinhas piloto das asas do «big» pássaro.

Qualquer um podia «ouvir» seu pensamento. As circunstâncias do momento não permitiam pensamento baixo, não.

Entre outras coisas eis o que lhe ia pela «cachola»!

Como pode êsse «bicho» saber se já não está com o chão deante do «fucinho»?

«E', mas si assim fôsse, eu já teria achatado o nariz nessa poltrona da frente. Entretanto, quem me diz que o «coisa» já não está pra bater a barriga no chão e depois... sabe lá si dá tempo de ver o resto?

Seu companheiro do lado, que era «ban-ban-ban» em questões eletrônicas e não perdia vaza para treinar a lingua e as faculdades de «teacher», ouvindo o «pensamento» do Benedito não perdeu a oportunidade

e voltando-se para o lado, segredou-lhe:

— Não há perigo, o rádio-altímetro mostra exatamente a que altura estamos do solo. Chamo-me Sam e sei o que digo.

Virando a cabeça cuidadosamente para evitar desequilíbrio brusco na carga do avião, o Benedito, sem reparar na irradiante simpatia de Sam, balbuciou:

— Altí metro.

(Seus lábios ficaram parados no Altí durante a queda do avião em um dos tais buracos).

— E', sim, fica na cabine do piloto.

Antigamente esse aparelho era barométrico.

— Bar o que ?

— Isso mesmo, barométrico, e só indicava, por meio da pressão atmosférica, a altura a que o avião estava em relação ao nível do mar, por isso era perigoso chocar com as altas montanhas.

O Benedito entendeu muito bem o finzinho, tanto é que agarrando-se mais fortemente no banco, de um só jacto soltou.

— Montanh-onde ? !

— Nas montanhas, qualquer montanha.

Mas hoje não. Pelo principio eletrônico o aparelho indica a altura relativa. Isto é, a altura entre o solo e o avião. Daí não haver perigo nenhum.

— E'.....

E no é ficou o Benedito com a boca escancarada até que o avião assentou no fundo de apreciável

depressão, quando então arrematou. Como ?

Durante a queda, Sam, em tom de voz mais ou menos moderada, pronunciou rapidamente três palavrinhas.

— Piu, piu, piu. Pensando lá consigo.

« E', a história não está nada boa.

Dá cada pulo este tréco, hoje !».

— Pois é amigo, como eu ia dizendo, o aparelho — Piu, piu — é eletrônico e mede direitinho a altura. Quer saber como funciona ?

— Quero é me ver livre desta !

— E' assim:

O motor tem duas asas não é ? Piu, piu.

— E'

Pois bem, numa delas fica a antena de um transmissor e na outra a antena de um receptor. A energia irradiada direcionalmente para o solo, pelo transmissor, é refletida por ele e na volta captada pela antena do receptor.

— Não «pescuei».

— Não tem importância. Como a frequência de irradiação vai de 420 a 445 megaciclos e volta a 420, 60 véses por segundo, quer dizer que a variação total é de 50 mc. em cada ida e volta, multiplicados por 60, igual a 3.000 megaciclos.

E como cada megaciclo vale 1 milhão de ciclos resulta tudo uma variação de 3.000.000.000 ciclos em cada segundo.

— Ahn !

— Pois é. Quer ver a fórmula ? Fleugmáticamente tirou do bolso um papel e, desdobrando-o, colocou-o

em frente dos olhos do Benedito que tentou desgrudar do banco uma das mãos para pegá-lo, desistindo antes do avião assentar em novo buraco.

Olhando o papel por não poder deixar de fazê-lo, já que através do mesmo seu olhar não podia ir, ali viu alguns rabiscos; jamais na vida vira coisa semelhante.

— «Qué dizê que» ...

— E' isso mesmo.

Intimamente Sam estava satisfeíssimo consigo mesmo pela previsão que fizera de precisar daquela fórmula durante a viagem, o que o obrigou a escrevê-la antes de sair.

Bem verdade que bastaria fechar os olhos e se concentrar um pouco que lá na escuridão do cérebro estaria ela nitidamente gravada.

$$F \text{ momen} = 3 \times 10^9 \quad (\quad 2 \quad) \\ 186.000$$

Mas sabe como é. A gente só se esquece daquilo de que se queria lembrar.

Interrompendo o qué dizê de Benedito, continuou.

— Pois é, ia me esquecendo de explicar que uma parte da onda irradiada vai atingir diretamente a antena de recepção, na outra asa, antes daquela energia que retorna do solo.

Ora, havendo variação de frequência e uma diferença de tempo entre a parte que atinge diretamente a antena e a que retorna do solo, é claro que as duas energias que atingem a antena receptora não são da mesma frequência e sua diferença pode ser medida em tempo. Uma vez que se sabe ser a velocidade da rádio onda de 300.000 metros por segundo, pode-se deduzir da distância

percorrida pela que retornou da terra. Essa distância dividida por 2 (ida e volta) dá a altura do avião. Não é claro ?

— «Então qué dizê que» ...

— Lógico, basta que essa distância seja - piu, piu - indicada num mostrador calibrado em pés ou em metros e pronto, já se obtém leitura direta.

— Isso é formi..... dável...

— Pois então, numa aterrissagem sem teto ou num vôo entre nuvens, o rádio-altímetro indica a altura em relação ao terreno diretamente abaixo dele e enquanto o avião vai aterrissando, o ponteiro vai oscilando na direção do zero da escala, atingindo-o justamente quando as rodas do trem de aterrissagem tocam o solo.

— Puxa !

— E', mas si o avião estiver passando sôbre um edificio isolado, apenas uma pequena e momentânea — piu, piu — inclinação do ponteiro será observada, porque a reflexão das ondas dirigidas ao solo só atuam com precisão, numa área relativamente grande. Os sinais refletidos por um edificio representam uma parcela insignificante de reflexão, que não basta para estacionar o ponteiro na gradação da altura.

— Eu sabia que...

— A água salgada, serena, reflete melhor as ondas de rádio. A água agitada não reflete tão bem, o mesmo acontecendo com florestas e terreno coberto por vegetação. Um terreno muito acidentado produz suficiente irregularidade na onda refletida para fazer o ponteiro do altíme-

tro oscilar num pequeno arco sôbre o mostrador.

—Será que estamos indo pela costa ou pelo vale ?

— Tanto vale companheiro, tanto vale. Como é seu nome, hein ?

— Bene dito.

— Pois é Benedito - piu, piu. Acho que estamos perto. Pelos meus cálculos estamos sôbre Santa Cruz.

— «Cruiz» !

— Já é subúrbio do Rio. Si não fôssem essas nuvens aí em baixo, daria para ver as luzes da cidade lá na frente.

— Como vai ser para descer sem ver nada ?

— Não se incomode - piu, piu - o piloto tem prática e o rádio-altímetro o ajuda.

O Benedito se incomodava, sim. Ele precisava enxergar alguma coisa, para poder calcular a que altura mais ou menos estava. Só então poderia ser que sossegasse um pouco. Foi com grande alegria, portanto, que através de um buraco nas nuvens distinguiu, logo adiante, umas luzes meio embaçadas, lá em baixo.

E quando o avião enfiou o nariz por êle a dentro, que maravilha ! Como é que poderia ser aquilo ? A cidade surgiu em todo o seu esplendor de noite absolutamente sem chuva e nem sinal da mesma. Exclamou então num desabafo.

— Não tem chuva não !

— E' assim mesmo, explicou-lhe o Sam. O avião estava voando dentro de nuvens e agora saiu do meio delas.

— Puxa, mas que beleza lá em baixo. Até parece mais bonito do que é de verdade.

— Você já conhece o Rio ?

— Não.

— Então como está achando mais bonito do que é ?

— Ora, não tendo as nuvens, sabe como é, né ?

O Sam não disse que não havia entendido. Não lhe ficava bem confessar não haver entendido fôsse lá o que fôsse.

— Ante os olhos admirados do Benedito, que já agora tinha livre uma das mãos, embora com a outra continuasse agarrado ao banco, aquê-le conjunto de lusco-fusco de luzes parecia vir de encontro ao avião, como se fôsse um enorme taboleiro sendo levantado por um gigante.

E o Benedito reconheceu o Corcovado com o Cristo Redentor de braços abertos abençoando a cidade. Já tinha visto aquilo numa porção de folhinhas e fotografias.

E ali estava agora, mal acreditava que seus olhos estivessem contemplando a realidade. Aquê-le contorno de luzes que numa curva perfeita separava bruscamente o negror da noite, da claridade da cidade.

O Benedito não estava entendendo aquela separação brusca e se dirigiu ao companheiro.

— As cidades que eu conheço, no fim delas sempre tem ainda uma luz aqui e outra ali. Não acaba de repente.

— Aquilo é o mar, Benedito. A linha de lâmpadas que faz aquela curva é o limite entre a cidade e o

mar, que ali forma a Baía de Guanabara.

— Ahn!

As luzes continuavam a subir, subir, e então já se podia distinguir o movimento das ondas de cor parda escura.

Benedito não precisou colocar o cinto de segurança para a aterrissagem, pois fizera toda a viagem amarrado.

O avião foi baixando, baixando, passou sobre a amurada que separava o aeroporto Santos Dumont do oceano, mansamente deslizou sobre a pista e parou.

Benedito respirou profundamente, retirou o cinto, esticou-se todo, abriu-se num sorriso, apanhou a mala e foi dos primeiros a saltar.

Sentiu-se como se tivesse entrando num verdadeiro forno e exclamou.

— Aqui é quente mesmo.

Tinha a impressão de estar com as pernas mergulhadas em uma dessas ondas de fumaça quente que saem do escapamento dos ônibus da C.M.T.C. quando se lhes passa por traz, na hora de «arrancarem».

Procurou Sam, que, se lhe fora tão esclarecedor durante a viagem,

certamente o esclareceria em mais um problema.

Queria ir a Terra Nova onde encontraria sua tia, mas o caso agora era saber que condução deveria tomar.

— Que coincidência, disse-lhe Sam! Eu também vou para aqueles lados e podemos tomar o mesmo ônibus.

Benedito não estava na 'a admirado da cidade. Viera de São Paulo, que conhecia bem. No final da viagem de Sam, ao se despedir, falou-lhe Benedito.

— Posso perguntar uma coisa?

— Ora, quantas quiser.

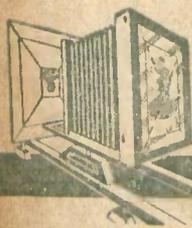
— Durante a viagem, aqueles piu, piu, entendi menos que o resto.

— E' que eu tive um primo. Numa viagem de avião houve uma falha do rádio-altímetro e ele morreu sem dar um piu.

— Ahn!

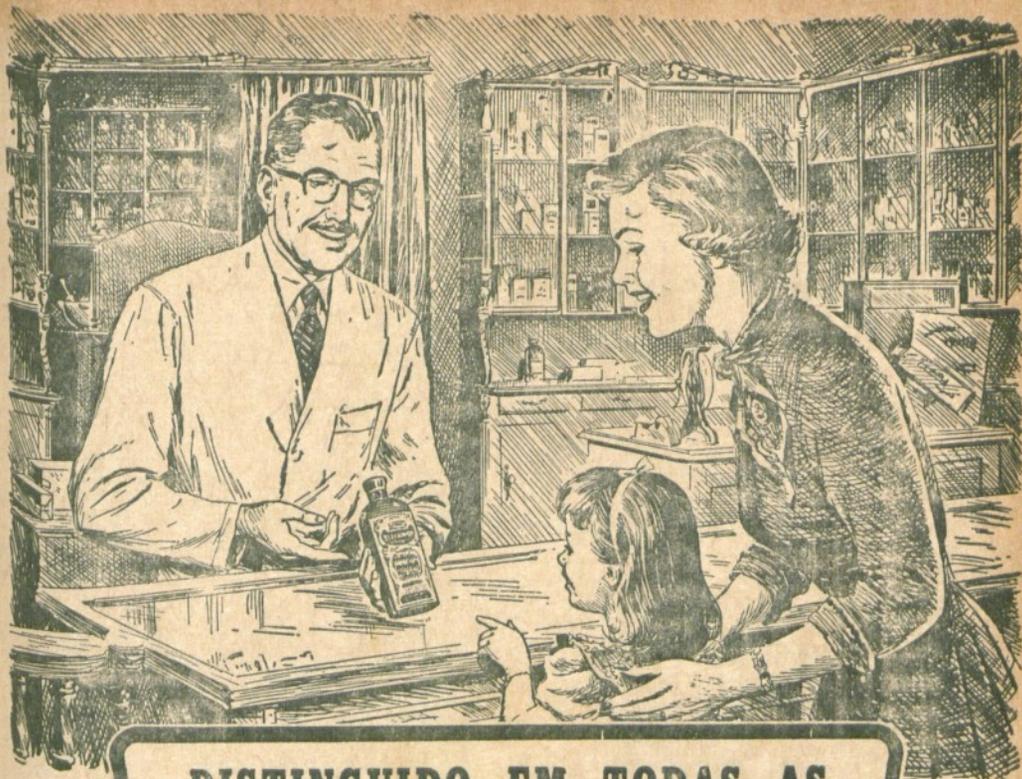
E no resto do trajeto, quando o ônibus «tirava uma fina», o Benedito inconscientemente, sob os olhares curiosos dos outros passageiros, ia soltando uns «piu, piu».

— :: —



Fotografia
MODERNA

VIUVA ARDINGHI & FILHOS LTDA.
R. GUAIANAZES, 467 - TEL. - 52-2966 - S. PAULO



**DISTINGUIDO EM TODAS AS
FARMÁCIAS DO BRASIL**

Peça o vidro gigante que
oferece estas vantagens:

- Economia no preço, por igual número de doses.
- A história do "Jeca Tatuzinho", de Monteiro Lobato.
- Tratamento mais prolongado, sem interrupção, com o mesmo vidro.



A Farmácia é uma "Casa do Bem" onde se encontram os melhores recursos para a defesa da saúde. Cumprindo as determinações do medico, ela entrega ao público medicamentos de comprovada eficácia, de absoluta confiança. É o caso do Biotônico Fontoura. Quando o organismo exige poderoso reconstituinte -- Biotônico Fontoura e sempre indicado. É o mais ativo medicamento contra anemia, raquitismo, fraqueza geral e neurastenia. Em todas as farmácias e drogarias.

BIOTONICO

o mais completo fortificante!

FONTOURA

EVOLUÇÃO DA

POLÍCIA MILITAR DO DISTRITO FEDERAL

DIVISÃO MILITAR DA GUARDA REAL DE POLÍCIA

(13-5-1809 A 17-7-1831)

Organização inicial

Foi a Guarda Real de Polícia organizada inicialmente com o efetivo de 218 homens, distribuídos em Estado Maior, três companhias de infantaria e uma de cavalaria, conforme o quadro que adiante se vê.

Tempo de existência

A Guarda teve existência desde 13 de maio de 1809, data de sua criação, até 17 de julho de 1831, quando foi extinta, em consequência de terem alguns de seus componentes, a mão armada e exaltados com os acontecimentos dessa fase de transição política nacional, tomado parte no movimento que pleiteava a demissão dos ministros de Estado e funcionários categorizados de origem portuguesa.

Aumento de efetivo - Originalidades

Passou a Guarda por vários aumentos de efetivo, a fim de melhor atender aos serviços que lhe estavam afetos.

Organizada em 1809, com 218 homens, já contava em 1818 com 586. Aliás, daí até sua extinção, não mais teve acréscimo de efetivo.

Dentre estes, convém destacar, pela originalidade, os que se lhe ou-

torgaram com a criação de duas companhias de cavalaria e manutenção da existente (da mesma arma) por conta dos respectivos comandantes.

Tais aumentos foram consignados por propostas dos interessados, mediante as cláusulas contratuais de que, em troca do benefício de serem nomeados capitães comandantes e poderem nomear, por sua vez, um tenente e um alferes, como subalternos, se responsabilizariam pela compra dos cavalos em igual número ao da Cia. existente (54), além da despesa com remonta, arreios, consertos, primeiro fardamento e armamento e, finalmente, prejuízos que porventura proporcionassem em abandonando o Comando das companhias.

A única despesa do tesouro, além da que se referia às nomeações dos três oficiais de cada companhia, era feita com a contribuição de uma «pataca de 320 réis» (32 centavos) diária para forragem, curativos e ferragem de cada cavalo, inclusive os que, até 10, houvesse para mais do efetivo fixado.

Três foram as propostas apresentadas ao Príncipe Regente. A primeira vinha do capitão de milícia do Rio Grande de São Pedro, Ma-

nuel dos Santos Portugal, que foi nomeado e, por sua vez, nomeou seus irmãos, Brás Antônio dos Santos e Florêncio dos Santos, tenente e alferes da Cia., respectivamente.

A segunda proposta, aceita, partiu do tenente Bento Corrêa Vilasbôas, comandante da 1.ª Cia. de Cavalaria, no sentido de que lhe fôsse concedida a graduação de capitão, com os vencimentos que já recebia de tenente, em troca de igual responsabilidade atribuída ao cap. Portugal, no tocante à manutenção da Cia., uma vez que esta já estava criada.

A terceira proposta, em iguais termos à do cap. Portugal, foi feita por João Egidio Calmon de Siqueira, que também foi aceita, nomeando este a Francisco Xavier Calmon da Silva Cabral e Feliciano Gomes de Freitas (sargento da Guarda) para os postos de tenente e alferes, respectivamente.

A obrigação de aquartelar a tropa e indicar os soldados que deviam constituir as companhias não era dos Comandantes destas, razão por que, à falta de local para alojar a sua e da indicação dos componentes dela pelo Governô, foi o cap. Siqueira autorizado a entregar todo o armamento, fardamento e arreios adquiridos, bem como a importância relativa ao valor dos cavalos, calculando-se estes entre 25 a 30 cruzeiros.

Mas, justamente por não ter culpa nisso, foi confirmado no posto com o tenente e alferes.

Inicialmente, não contava a Guarda com capitães no comando das companhias.

As 1.ª e 2.ª de infantaria eram comandadas por tenente (o atual 1.º tenente) e as 3.ª de infantaria e 1.ª de cavalaria, por alferes (o atual 2.º tenente), embora estivesse no comando desta última o tenente Vilasbôas, que conseguiu, posteriormente, ser graduado em capitão, como dissemos atrás.

Por influência das Cias. de Cavalaria, porém, fêz-se a uniformização dos postos da Guarda, ficando cada sub-unidade com um capitão, um tenente e um alferes, por decreto de 1.º de dezembro de 1813.

Em 1821, por decreto de 24 de outubro, passou para o tesouro a despesa que, até aí, era feita com forragem pelos Comandantes das Cias. de Cavalaria, capitães Portugal e Vilasbôas; e, no mesmo ano, por decreto de 10 de novembro, cessaram, finalmente, em caráter definitivo, as demais despesas que corriam à conta desses oficiais, nos termos das cláusulas aludidas, passando também ao tesouro.

Sucessivamente, desde a criação, teve a Guarda os seguintes aumentos:

13-5-1809, (efetivo original) homens	218
30-5-1809, cirurgião p/Guarda (Estado Maior)	1
24-6-1809, capelão p/Guarda (E.M.)	1
20-9-1810, tambôr-mór para a Guarda (E.M.)	1
pifanos para cada Cia. Inf.	3
23-12-1810, soldados, 20 para cada Cia. Inf.	60
2.ª Cia. Cav. (cap. Portugal), homens	56

11-9-1813, 3.º Cia. Cav. (cap.º Siqueira) só os oficiais (1)	3
1-12-1813, capitães, um para cada cia. Inf. (uniformização)	3
Tenentes para as 3.º Inf. e 1.º Cav. (uniformização)	2
Alferes para as 1.º e 2.º Inf. (uniformização)	2
6-6-1817, 4.º Cia. de Inf. (homens em igual número)	76
9-1-1818, cabos um para cada Cia. Inf.	4
anspeçadas, idem	4
soldados, 28 para cada uma das 4.º Cias. Inf.	112
soldados, 20 para cada Cia. Cav. (1.º e 2.º)	40
T O T A L	586

Vencimentos e vantagens

Além dos vencimentos que se pagavam aos corpos de linha (exército), recebia o pessoal da Guarda os seguintes:

Estado Maior

Sargento-mór comandante (major)	por mês	Cr\$ 45,00
Capitão-Ajudante	por mês	Cr\$ 24,00
1.º Sgt. (furriel-mór)	por mês	Cr\$ 10,00
Sgt. de Brigada, secretário	por mês	Cr\$ 10,00
Ajudante de cirurgia	por mês	Cr\$ 6,00

Cias. de Infantaria

Tenente comandante	por mês	Cr\$ 18,00
Primeiro sargento	por dia	Cr\$ 0,28
Segundo sargento	por dia	Cr\$ 0,24
Furriel	por dia	Cr\$ 0,20
Cabo	por dia	Cr\$ 0,12
Anspeçada	por dia	Cr\$ 0,10
Tambor	por dia	Cr\$ 0,10
Soldado	por dia	Cr\$ 0,08

A 3.º Cia. era comandada por um alferes, com Cr\$ 14,00 por mês.

Cias. de Cavalaria

Alferes Comandante	por mês	Cr\$ 16,00
Primeiro sargento	por dia	Cr\$ 0,32
Segundo sargento	por dia	Cr\$ 0,28
Furriel	por dia	Cr\$ 0,24
Cabo	por dia	Cr\$ 0,14
Anspeçada	por dia	Cr\$ 0,12
Trombeta	por dia	Cr\$ 0,30
Ferrador	por dia	Cr\$ 0,20
Soldado	por dia	Cr\$ 0,10

(1) Por falta de quartel e da Indicação das praças pelo Governo, não foi preenchido o efetivo desta Cia.

Relativamente aos demais cargos criados posteriormente, como os de cirurgião-mor, capelão, tambor-mor e pifano, só há referência a vencimentos por um decreto de 22 de novembro de 1809, que determinou fôsse pago aos dois primeiros os vencimentos atribuídos a êsses postos no 1.º Regimento de Cavalaria do Exército. Como os vencimentos acima tabelados eram excedentes dos que já se pagavam no Exército, conclue-se que, à falta de fixação de outros os tambor-mor e pifano recebiam apenas os que se pagavam no Exército.

Como recompensa à laboriosa atividade do pessoal da Guarda, foram criadas as seguintes gratificações:

— Dec. de 11-XII-824: uma diária de Cr\$ 0,40, além do sôlido, para os sargentos, cabos, anspeçadas e soldados.

— Dec. da mesma data: uma gratificação de Cr\$ 4,00 para quem prendesse um ladrão, extensiva ao pessoal dos Corpos do Exército e da Milícia.

— Edital de 3-I-825, do Intendente Geral de Polícia da Côrte: um prêmio de Cr\$ 4,00 pela prisão ou denúncia de um ladrão, e outro de Cr\$ 20,00, ou mais, conforme as circunstâncias, pela prisão ou denúncia de um salteador.

— Dec. de 9-I-825: uma gratificação mensal para os oficiais, constantes da seguinte tabela:

Chefe (Cmt.)	Cr\$ 16,00
2.º Cmt. (Sub-Cmt.)	Cr\$ 12,00
Ajudante e capitão . .	Cr\$ 8,00
Tenente	Cr\$ 4,00
Alferes	Cr\$ 4,00

Recrutamento e promoção

Os oficiais eram recrutados entre elementos do Exército, das Milícias e do meio civil, e nomeados pela Côrte.

Inicialmente, eram as praças escolhidas entre as melhores dos quatro Regimentos de Infantaria e Cavalaria do Exército, componentes da guarnição da Côrte. Ainda entre os melhores, deviam ter preferência os sargentos e soldados que haviam servido na Guarda Real de Lisboa, continuando todos, entretanto, a pertencer às Unidades de origem, até a organização definitiva da Guarda.

Dec. de 23-IV-1823 determina que o processo de promoção da Guarda seja particular dêsse Corpo e não como se fazia no Exército.

Dec. de 11-XII-1824 manda, à falta de voluntários, que todos os soldados milicianos de cavalaria que haviam sido anotados para o serviço do Exército passem para a Guarda.

Aquartelamento

As quatro companhias da novel Corporação ficaram assim aquarteladas:

1.ª Cia. «no sítio do Valongo, da esquina do Livramento para o trapiche da Saúde», hoje praça Barão de Tefé.

2.ª Cia., no lugar denominado «Prainha», onde mais tarde foi construída a Academia de Marinha, no atual Largo Leandro Martins.

3.ª Cia., entre o campo da Ajuda e o Largo do Destêrro, próximo ao Convento da Ajuda, na atual praça Marechal Floriano.

Cia. de Cavalaria, no Campo de Santana, no lugar onde mais tarde

se construiu a estação inicial da E.F.C.B.

2.ª Cia. de Cavalaria (criada posteriormente). Teria se instalado no sítio do Mataporco, (atual Largo do Estácio de Sá), mandado comprar conforme dec. de 31-VII-811, o qual dispensava de sisa essa compra, para instalação de uma companhia de cavalaria.

3.ª Cia. de Cavalaria (criada posteriormente). Por falta de quartel, não foi preenchido seu efetivo de praças.

4.ª Cia. de Infantaria (criada posteriormente), no Largo das Laranjeiras.

E' possível que todo o pessoal da cavalaria tenha se alojado, desde cedo, no quartel construído no Largo do Estácio, pois do histórico da Corporação consta que os elementos dessa arma estiveram aquartelados «num prédio acachapado de longo peitoril, com um andar apenas, ocupando quase todo o quarteirão que vai da Igreja do Divino Espírito Santo até a rua nova de São Luiz».

Uniforme

Inteiramente semelhante ao de sua congênere de Lisboa, que o tinha igual ao do Exército Real (vêr quadros emoldurados na Corporação).

Dec. de 13-XI-815, dá novo uniforme à Guarda, aprovando cinco figurinos, que, aliás, nunca foram encontrados.

Dec. de 11-III-819 determina que os oficiais e sargentos usem as insígnias da mesma forma por que o faziam os oficiais e sargentos dos Batalhões de Caçadores, sendo o penacho da cavalaria encarnado, como no Exército.

Dec. de 22-X-822 prescreve que as fardas terão gola e canhão verde, com uma só casa de galão em ambos, ficando abolidas as casas do peito.

Armamento

Como o uniforme, era semelhante ao da Guarda Real de Lisboa, o qual também se apresentava igual ao do Exército, consistindo em terçado, espingarda e pistola, sendo esta última suprimida por Dec. de 13-XI-815, que a mandou recolher à Real Casa das Armas da Fortaleza da Conceição.

Dotação orçamentária para a manutenção da Guarda

A dotação orçamentária para sustento da Guarda vinha dos cofres da Intendência Geral da Polícia, que para isso aumentou os impostos e ficou, daí por diante, com o valor das apreensões dos contrabandos. Em consequência, a Intendência Geral da Polícia recolhia ao Erário Real o numerário necessário, por onde era efetuado o pagamento da Guarda, por intermédio da Tesouraria das Tropas.

Dec. de 4-I-1816 reconhece a insuficiência das rendas da Intendência para inúmeras despesas que lhe estavam afetas e por isso, determina que a despesa com a Guarda seja custeada pelo erário real, entregando-se as quantias necessárias ao Tesoureiro Geral das Tropas da Córte, como se fazia com demais corpos militares.

Dec. de 2-III-1818 cria o Conselho de Administração de Fardamento, estabelecendo a diária de 30 réis para cada praça, supondo-se o total de 800 homens para efeito de entrega do numerário capaz de atender às despesas respectivas.

Prescrições diversas sobre o serviço

1 — Cada Companhia empregava diariamente a terça parte do seu efetivo no serviço, cujo pessoal permanecia, durante o dia, no Corpo da Guarda, saindo à noite em pequenas patrulhas, que se revezavam na ronda dos postos.

2 — Ao ajudante eram comunicados pelos rondantes os nomes dos comerciantes que infringissem o horário previsto para o fechamento das vendas, cafés, bilhares, etc., e essas faltas eram remetidas em parte ao Intendente Geral da Polícia.

3 — O serviço de policiamento era feito apenas pela ação repressiva, isto é, as patrulhas de infantaria ou cavalaria tinham a preocupação de surpreender os delinquentes em flagrante, de forma que não preveniam pela presença, preferindo, segundo o regulamento, surgir de esconderijos no momento azado.

4 — Em caso de incêndio, o pessoal acorreria aos quartéis, onde permaneceria para atender a quaisquer distúrbios, cabendo aos Regimentos do Exército e da Milícia atender ao fogo com seus Piquetes.

5 — Dividida a cidade e subúrbio em distritos, cabia aos Corpos do Exército vigiar e rondar aqueles que estivessem nas suas proximidades, sempre de acôrdo com as ordens do Comandante da Guarda, a quem deveriam ser comunicadas as ocorrências (Dec. de 3-I-1824).

6 — A exceção de «pessoas notoriamente conhecidas e de probidade», poderiam as patrulhas apalpar e revistar quem quer que fôsse, «depois das 10 horas da noite no verão e das 9 no inverno, até a alvorada»,

e antes dêsse horário os escravos ou pessoas em suspeita, de forma que se pudesse descobrir quaisquer instrumentos capazes de produzir crimes. Esse horário era anunciado pelas Igrejas de São Francisco de Paula e do Convento de S. Bento, cujos sinos dobravam pelo espaço de meia hora (Dec. de 3-I-1829).

A ação da Guarda se fazia sentir entre outras situações contra:

— Grandes ajuntamentos à noite;

— Infringência do horário de fechamento das vendas, casas de café, bilhares, etc.;

— Os suspeitos ou portadores de armas e instrumentos outros próprios para o crime;

— Brigas, ladrões, assassínios, etc.;

— Pessoas paradas sem motivo depois do toque de sino anunciador do fechamento de vendas etc., ou fazendo barulho;

— Locação de casas por homens vadios, mal procedidos, jogadores profissionais, de costumes escandalosos.

Urge observar que se as leis eram rigosas, os indivíduos estavam sujeitos ainda à arbitrariedade de certas autoridades e até de magistrados, em razão do que, e já sob a influência das ideias liberais, foi baixado o Decreto de 24 de maio de 1821, que, entre outras disposições, estabeleceu as seguintes:

«... nenhuma pessoa livre no Brasil possa jamais ser presa sem ordem por escrito do Juiz ou Magistrado Criminal do território, exceto somente o caso de flagrante delito, em que qualquer do povo deve prender o delinquente».

«... nenhum Juiz ou Magistrado Criminal possa expedir ordem de prisão sem proceder culpa formada por inquirição sumária de três testemunhas, duas das quais jurem contestes assim o fato...».

«... quando se acharem presos, os que assim forem indicados criminosos, se lhes faça imediata e sucessivamente o processo, que deve findar dentro de 48 horas peremptórias, improrrogáveis e contadas do momento da prisão, principiando-se, sempre que se possa, por a confrontação dos réus com as testemunhas que os culpam e ficando alerta, e publicadas tôdas as provas que houverem para assim facilitar os meios de justa defesa...».

«... em caso algum possa alguém ser lançado em segredo ou masmorra estreita, escura ou infecta pois a prisão deve só servir para guardar pessoas, e nunca para adoecer e flagelar, ficando implicitamente abolido para sempre o uso de correntes, algemas, grilhões e outros quaisquer ferros inventados para martirizar homens, ainda não julgados a sofrer qualquer pena aflitiva por sentença final...».

Em 1824, com a Constituição, foi instituído o «habeus-corpus», assegurado o livre exercício de qualquer culto ou profissão, a liberdade de locomoção e o já hoje tradicional e conhecido apotegma da Lei Básica: «Ninguém é obrigado a fazer ou a deixar de fazer alguma coisa, senão em virtude de Lei».

A Guarda tem precedência entre as Corporações

«Em concorrência com qualquer Corpo de tropa, terá lugar de honra

a Guarda Real de Polícia, conforme a antiguidade de sua criação».

Auxílio dos Corpos Milicianos e de Linha

Com a criação da Guarda, foi dispensado o serviço de ronda que se exigia dos Corpos milicianos e de linha. Entretanto, êsses Corpos deviam conservar piquetes nos quartéis, prontos a auxiliar a Guarda em caso de necessidade. Posteriormente, porém (Dec. de 3-I-824) os Corpos do Exército passaram a fazer o serviço de policiamento nos distritos em cuja jurisdição estivessem sediados.

Conselho de Guerra

Pelos seus crimes, os componentes da Guarda respondiam a Conselho de Guerra, segundo o rigôr das leis militares.

Subordinação do Comando

O Comandante era subordinado ao Governador das Armas, de quem recebia diariamente o santo (senha), ao Intendente Geral da Polícia para a execução das ordens e requisições, e aos Ministros dos Negócios da Guerra e dos Negócios do Brasil, a todos comunicando as novidades porventura verificadas.

Função da Guarda

Prover a segurança e tranquillidade públicas e coibir as especulações do contrabando.

Comandantes

Exerceram o Comando da Guarda o coronel (depois Brigadeiro) José Maria Rabelo, desde sua origem até 26 de fevereiro de 1821 e daí até sua extinção, o coronel (depois Brigadeiro) Miguel Nunes Vidigal.

Proibido o uso de bigodes

Por decreto de 31 de janeiro de 1822, o Príncipe Regente determina que se «proiba absolutamente o uso de bigodes no Corpo de Polícia... por ser prejudicial ao serviço de que o dito Corpo é ordinariamente encarregado».

Elementos da Guarda aderem ao movimento constitucionalista

Substituição e prisão do Comandante

Em 26 de fevereiro de 1821, no histórico movimento revolucionário que impôs a aprovação no Brasil da Constituição que se votava em Lisboa, elementos da Guarda, sob o comando do major graduado MANOEL DOS SANTOS PORTUGAL, tomaram parte ativa, dirigindo-se para local convencionado.

Estavam animados, nessa decisão de aparente indisciplina, do patriótico desejo de repelir a idéia, predominante entre alguns portugueses, de recolonizar-e o Brasil, em consequência do regresso de D. João VI a Portugal.

Contra a atitude do major Portugal e dos que o seguiam, enfureceu-se o brigadeiro José Maria Rabelo, comandante da Guarda, que procurou impedi-los de tomarem parte no movimento, provocando daquele oficial a seguinte expressão: «Soldados, sigam-me os que quiserem».

E' excusado dizer que o brigadeiro não teve força para sufocar o impulso patriótico de seus comandados, e estes, felizmente, encontraram o ambiente preparado por uma pléiade de homens ilustres do estofamento moral de José Bonifácio e outros, que

envolveram o próprio príncipe na chama nacionalista que empolgava o Brasil.

Em consequência nada sofreram.

Já o brigadeiro Rabelo, sobretudo por pertencer ao partido contrário aos nacionais, ficou prêso em sua residência, nesse dia, por ordem do Príncipe D. Pedro, sendo substituído no comando pelo coronel Miguel Nunes Vidigal, pessoa já muito conhecida pelo tirocínio policial que demonstrara na Intendência Geral de Polícia.

O Primeiro Mártir

Registra-se na história da Guarda (ou Corpo Militar de Polícia como já era chamada desde a Independência), em 23 de setembro de 1827, o nome do seu primeiro mártir em prol da «Ordem, segurança e tranqüilidade públicas».

«Não só os pretos cativos, mas também magotes de ciganos e quadrilhas de malfeteiros, estrangeiros na maioria, infestavam a cidade, trazendo em constante sobressalto os habitantes».

Dentre as mais habituais ameaças à ordem pública, destacavam-se as rixas entre escravos originários de diferentes partes da África, fanáticos de religiões inimigas, pessoal esse geralmente exímio no jôgo da capoeira.

Naquela data, séria peleja se travou entre pretos, assumindo o distúrbio proporções que requeriam imediata ação da polícia. Coube a missão de restabelecer a ordem ao bravo tenente Joaquim Antônio Ferreira, que, a despeito de portar-

se com coragem e iniciativa dignas de admiração, não pôde resistir à sã e superioridade dos perturbadores da ordem. Sacrificou-se com honra no cumprimento do dever, deixando seu nome registrado como do primeiro mártir da Corporação, que seria mais tarde a Polícia Militar do Distrito Federal.

Eficiente ação conjunta da Guarda

O Exército brasileiro mantinha sediados no Rio, 3 batalhões de mer cenários, um no Campo de São Cristovão e outro na Praia Vermelha, constituídos por alemães e um terceiro no Campo de Santana, integrado por irlandeses.

Por motivo de severa repressão a faltas disciplinares de praças pelo comando do Batalhão de São Cris-

tovão, revoltaram-se aquelas e produziram graves distúrbios nos dias 9 a 13 de julho de 1828, depois da adesão das duas outras unidades.

A guarda recebeu a missão de sitiá-la, dar combate e subjugar o batalhão de irlandeses. Cumpriu-a com inexcedível bravura e incontestável eficiência, merecendo por isso referências elogiosas.

Entre soldados e civis, morreram 40 pessoas, contadas no final de toda a sublevação.

E' curioso assinalar nesse fato que os capoeiras, que tanto intranqüilidade provocavam na cidade, prestaram inestimável serviço à causa pública, lutando espontaneamente ao lado da legalidade e pela forma de ação que caracteriza sua turbulência.

Consumir

É um dever de patriotismo.

Produtos

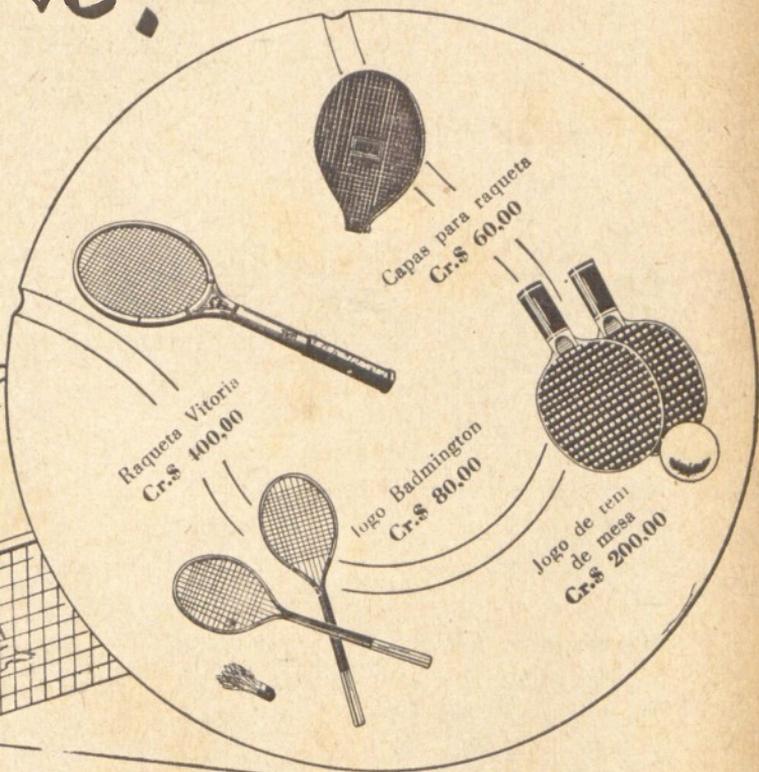
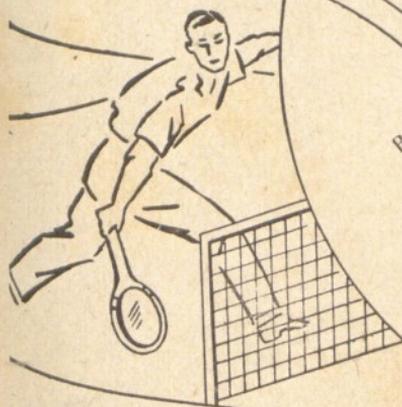
**É contribuir para o
desenvolvimento da
nossa produção**

Nacionais

**É ajudar a libertação
econômica do Brasil.**

Vamos praticar esporte?

aqui estão algumas sugestões para suas horas de diversão



A nossa Seção de Caça, Pesca e Esporte, mantém variadissimo estoque Venha vê-lo e examina-lo sem compromisso.



CASSIO MUNIZ S. A.

Importação e Comércio
Praça da Republica, 309 - São Paulo
no Rio - Sen Dantas esq. Evaristo da Veiga

DIPRO

7 de Setembro

A. MOTTER

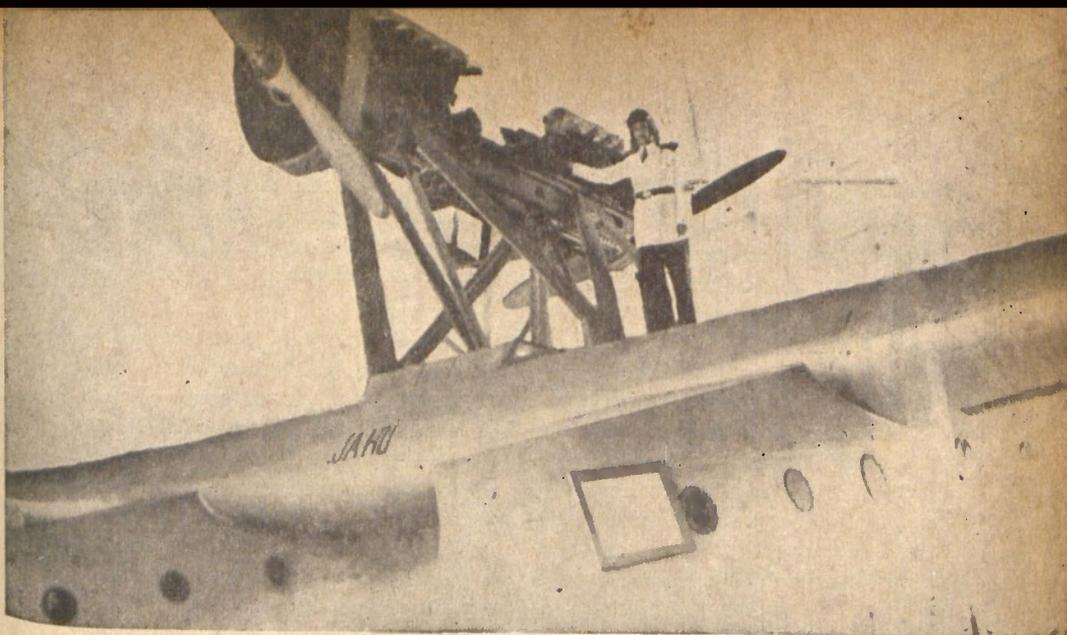
*Antes do sol, tôda a cidade acorda
ouvindo os sons vibrantes da alvorada,
lembrando outra "Campina de Taborda",
além da Independência proclamada.*

*Fremendo ao mastro o pavilhão recorda
a arena de cadáveres juncada,
Monte Castelo que seus filhos a horda
de inimigos vence e põe em debandada.*

*Desfilam batalhões e chovem palmas,
que se repetem a muitas outras almas
e se redobram à massa infantil.*

*Canta vitória o povo satisfeito,
ao Brasil, canta um hino em cada peito,
em cada coração canta o Brasil!*





O coronel João Negrão e o glorioso "Jaú".

A EPOPÉIA DO "JAÚ"

A 24 de agosto último, o deputado Juvenal Lino de Matos pronunciou brilhante discurso, através do qual exaltou a personalidade do cel. João Negrão. Tratando-se de homenagem a um oficial que soube elevar e dignificar o nome da sua Corporação — a nossa Força Pública — é com prazer que "Militia" transcreve, na íntegra, a magnífica oração.

«Sr. Presidente, entre as festas comemorativas do centenário da bonita, simpática, próspera e hospitaleira cidade de Jaú, alcançou magnífico significado humano e patriótico o carinho com que se inaugurou o monumento ao comandante João Ribeiro de Barros, heróico condor jauense que foi o primeiro a transpor o Atlântico Sul de avião. Feito que marcou espetacular vitória do Brasil no domínio da aviação teve, na época, justificada repercussão mundial com os mais louváveis aplausos aos patrícios que realizaram a jornada heróica.

Justo, pois, o gesto do povo de Jaú consagrando no bronze, em uma

praça pública, o nome eterno de João Ribeiro de Barros.

Lí com particular interesse todos os discursos relacionados com a inauguração do monumento ao herói. Causou-me estranheza a insistência com que se falou no cel. Newton Braga, como o único sobrevivente do inolvidável feito aviatório. Houve, sem dúvida, clamoroso engano nessa referência, porque, graças a Deus, vivo, forte, e ainda moço se encontra para felicidade da sua família e alegria dos seus amigos, o cel. João Negrão que integrava a tripulação do «Jaú». Cumpro elementar dever de Justiça, registrando nos nossos Anais ligeiras informações sobre a

participação do cel. João Negrão no feito memorável.

O vôo do «Jaú» teve início na Itália, em fins de 1926, com destino ao Brasil. Superadas as inúmeras dificuldades, o «Jaú» alcançou Pôrto Praia. Nesse local, algo de grave acontecera. Um dos companheiros de João Ribeiro de Barros e de Newton Braga desistira do empreendimento. Noticiou tôda a imprensa da época que o «Jaú» ia ser desmontado e sustado o vôo que os brasileiros esperavam com verdadeira devoção religiosa. Surge, então, o anjo tutelar de Ribeiro de Barros, a sua mãe extremosa, dona Margarida Ribeiro de Barros, que telegrafia ao filho aplaudindo o seu destemor, incitando-o ao prosseguimento da jornada e informando-o do embarque de um outro piloto que iria auxiliá-lo. Era este o então tenente da Fôrça Pública de São Paulo, João Negrão.

Em março de 1927, a família Ribeiro de Barros, interessada na continuidade do vôo, convidou diversos pilotos militares da Marinha e Exército Nacional. Não encontrando quem desejasse cooperar patriôticamente com o comando do sr. Ribeiro de Barros, apelou, então para a Fôrça Pública de São Paulo, convidando o tenente João Negrão, que só aceitou depois de ter sido ouvido o sr. Secretário de Estado da Segurança Pública, o qual, representando o exmo. sr. presidente do Estado, determinou o seu embarque para Pôrto Praia, em caráter incógnito, indo o nosso conterrâneo participar de um empreendimento sem cunho oficial, depois de abrir mão de tôdas as prerrogativas legais, no caso de morte ou de desastre que o inutilizasse para o serviço ativo.

O 1.º tenente João Negrão, por ocasião do convite, exercia as funções de instrutor de pilotagem na Escola de Aviação da Fôrça Pública de São Paulo.

O caráter incógnito da missão determinada era delicadíssimo, pois representava a perda total de todo os seus direitos legais (aposentadoria, pensão etc.), caso sofresse um acidente que motivasse o seu desaparecimento. Soldado compenetrado dos seus deveres, deixou a família (espôsa e duas filhas enfermas) sob a proteção de Deus.

Como é do conhecimento de todos os que acompanharam a façanha do «Jaú», o «raid», de acôrdo com a vontade do comandante Ribeiro de Barros, teria terminado em Pôrto Praia, não fôsse o telegrama patriótico enviado pela sra. dona Margarida Ribeiro de Barros, ao seu filho João, e que dizia que não desmontasse o avião, pois providências estavam sendo tomadas para o seguimento de um outro piloto, para substituir o que havia desistido.

Não fôsse a Providência Divina haver movimentado a família Ribeiro de Barros, para a procura do 2.º piloto e o encontro feliz dêsse grande patrício e conterrâneo, João Negrão, o «raid» teria fracassado, ficando o Brasil colocado em situação inferior às demais nações do mundo que, naquela época, tentavam, com suas máquinas e tripulações, a glória de serem as primeiras colocadas na travessia do Atlântico Sul.

Da tripulação do «Jaú», graças a Deus, ainda vivem — o brigadeiro Newton Braga e o coronel João Negrão.

(Do Diário Oficial do Estado de São Paulo, de 25-VIII-1953).

ECONOMIZAR COM A POLÍCIA

CAP. EDSON QUEIROZ

DA POLÍCIA MILITAR DA BAHIA

AINDA não foi encontrado um meio de deter o crescimento do funcionalismo do Estado, com tendência para aumentar sempre os encargos financeiros de um erário exíguo, que, nas crises econômicas, enfrenta as mais duras dificuldades para satisfazer pontualmente seus compromissos. A despesa do Estado com os seus servidores quase alcança a cifra de 70% de sua receita tributária, ainda com a probabilidade de se elevar com a majoração dos estípedios dos funcionários existentes, por força mesmo da angustiante carestia da vida, e com a ampliação de alguns quadros nos diversos setores da administração pública. Assim, continuaremos sempre com um pouco de receita para a realização de benefícios públicos, inclusive as indispensáveis obras de caráter econômico, reprodutivas, reclamadas pelo bem-estar do povo.

Apreciaremos, aqui, o caso da Polícia do nosso Estado, organismo que já pesa bastante no erário estadual, a despeito de precárias ainda as suas condições.

A segurança pública está atribuída a dois grandes órgãos: Polícia Civil e Polícia Militar. A polícia Civil compreendendo um quadro amplo de Delegados Regionais, Delegados da Capital e dos Municípios, Inspectores Regionais do Trânsito, Comissários, Guardas-Civís, Guardas de

Trânsito e Rodoviários, Investigadores, além do pessoal burocrata e dos órgãos técnicos da polícia técnica e criminal. A Polícia Militar, com a sua dupla finalidade, policial e militar, tem um quadro não menos amplo de oficiais e praças combatentes, de intendência, especialistas e burocratas.

A Polícia Militar prepara-se, com pesados ônus, para a função policial, com escolas de formação e aperfeiçoamento em pleno funcionamento. Todavia, ainda não está enquadrada perfeitamente no sistema policial do Estado, e só eventualmente seus oficiais e sargentos são designados para funções compatíveis com a sua formação. Parece que, em breve, ela terá de recolher-se aos quartéis para ser empregada apenas em encargos bélicos ou eventuais missões policiais à mão armada, o que, em tempo de paz e numa sociedade pacta como a nossa, seria colocar esta corporação numa situação quase parasitária, numa disponibilidade injustificável, prejudicial ao Estado, e que certamente desagradaria aos seus componentes, preparados para atividades policiais, rapazes devidamente instruídos e cheios de entusiasmo profissional.

Acreditamos que será mais proveitoso e econômico para o Estado reorganizar a Polícia Militar, oferecendo-lhe melhores condições para

seleção e preparo de uma equipe de oficiais e praças, e distribuindo-a pelos diversos serviços de segurança pública, mesmo os afetos à Polícia Civil. Assim, a Polícia Militar poderá suprir até a projetada Polícia de Carreira, cujo sucesso é ainda discutível, não só pelas dificuldades de provimento de mais de 170 delegacias com bacharéis em direito, como ainda pelo exemplo que já tivemos aqui na Bahia, antes de 1930, e que está se dando também em S. Paulo, onde tal entidade não atingiu a sua finalidade, pois teve de se completar com a cooperação direta e imediata da Polícia Militar, mantendo na maioria das Delegacias oficiais e numerosos destacamentos, para garantir a eficácia da Polícia de Carreira.

Aproveitada a Polícia Militar com maior amplitude, em cargos da Polícia Civil, o Estado passará a ter uma força tanto policial preventiva e repressiva, como também militar, para a defesa de sua autonomia e da soberania nacional. Não poderá transformar-se em uma gestapo ou força totalitária semelhante, pois isso dependerá, sobretudo, da formação moral e profissional dos seus elementos, civis ou militares, a qual será tanto democrática e liberal quanto fôr a legislação vigente no país, devidamente executada e respeitada pelos altos dirigentes dos destinos da Pátria. A boa polícia não o é pela qualidade de militar ou civil. Qualquer policial pode apresentar-se como um algoz da sociedade, desde que

lhe falte o preparo profissional adequado, o nível de instrução compatível com a ordem legal e com o padrão educacional do povo. Será boa, quando seus componentes, civis ou militares, estiverem bem aparelhados e educados, com ordenados que os tornem superiores às injunções políticas e sociais, aos subornos, às propinas, etc.

Em S. Paulo e em outros Estados da federação, as Polícias Militares estão sendo empregadas em todos os serviços de segurança pública, ou seja, estão saindo dos quartéis, para o policiamento de rua. Aqui mesmo, na Bahia, já encontramos vários oficiais e praças em tais serviços, porém, em caráter precário, sem que tais elementos concorram para o descrédito da Polícia do Estado.

E', pois, de bom alvitre, sobretudo como medida de economia para o Estado, o aproveitamento em maior escala da Polícia Militar nos postos destacados dos serviços de segurança pública. Basta um reajustamento nos seus quadros a par de melhor remuneração para seus elementos, e dispensável será qualquer outra organização policial.

Vale experimentar o que sugerimos. Nosso Estado é pobre e como pobre não pode se dar ao luxo de ter uma Polícia Militar como elemento decorativo, parasitário, apenas como reserva para eventuais encargos militares e missões policiais de alta envergadura.



A franqueza nas mulheres muitas vezes não é mais que uma inconseqüência.

LEMESLE

Miliciano,

a

SEC. REEMBOLSÁVEL DO S. I.

(Quartel do S. I. — Rua Alfredo Maia, 194)

defende os seus interêsses
porque oferece o que Você
necessita, a preços inferiores
aos da praça.

Faça-lhe uma visita —————
————— logo que puder

DEVER CUMPRIDO

CONCEIÇÃO SANTAMARIA

Não é fácil, em certas circunstâncias, cumprir com o dever. Quantas e quantas vezes se nos apresenta como pesadíssima carga! No cumprimento do dever muitas vezes deformamos um sonho, anulamos um ideal, pomos de lado esperanças, sacrificamos um pedaço inesperado de felicidade. O dever é parte integrante da criatura no convívio diário com o mundo.

Não é menos exato que o dever cumprido enche-nos de uma suave alegria. Quando o realizamos temos a impressão de que chegamos ao fim de longa e acidentada estrada e que obstáculos perigosos foram transpostos; e quantas vezes, olhando para trás, não chegamos a indagar: — teria sido certo tanto sacrifício, tanta angústia, tanto esforço? E o pior é que não se sabe ao certo, e quando chegamos a uma conclusão, é tarde, tardíssimo, já estamos no fim da estrada!

Tudo isso me ocorreu ao deparar com a notícia quase fria, um tanto indiferente, do falecimento do capitão Sérvio Rodrigues Caldas, ocorrido em circunstâncias trágicas e no cumprimento de um dever de moral, em respeito à sociedade, em defesa de normas estabelecidas para o bem comum. O moço capitão era fiel representante da mentalidade nova que orienta essa corpora-

ção que tanto envaidece São Paulo — a Fôrça Pública. Desaparece o capitão Caldas aos 35 anos de idade, em pleno vigor de uma mocidade brilhante, com base em forte inteligência burilada por uma cultura que era sua preocupação constante. Sua ação enérgica de homem de bem não se fez sentir apenas como oficial da Fôrça Pública; o povo de São Paulo deve a ele serviços inestimáveis na defesa do seu tão sacrificado bem-estar, pois o capitão Caldas, num trabalho criterioso e patriótico, defendeu com dignidade o povo da ganância dos seus exploradores, como chefe de fiscalização da COAP. Quem não se lembra de sua enérgica atividade quando da greve do leite, do cimento e outros movimentos de usura?

Cumpriu — e cumpriu altivamente — o seu não risonho dever! E foi o motivo de sua morte. Quando seus filhos crescerem ostentarão com orgulho o nome de seu honrado pai. Poderão contar, como se fôsse história de fadas, que numa época em que as criaturas vendiam e que até mesmo os honrados eram confundidos pela canalha das ruas, seu pai se impôs à consideração, ao respeito de seus concidadãos, que não conheceu a dúvida quando era chamado para cumprir com o seu dever, que não vacilou nunca diante de dificuldades que

precisavam e deviam ser transpostas pela defesa do bem de seus semelhantes.

Tudo isso seus filhos dirão de seu saudoso pai, e os mais velhos ensinarão ainda a eles que o homem só é digno da vida quando a faz um padrão de decência, quando é ela vivida de cabeça erguida, olhando de olhos limpos aqueles que amam, estendendo sem mácula a mão firme que não traiu os princípios de dignidade que o Criador espera de seus filhos!

Deixa o capitão Sérvio Rodrigues Caldas lapidar patrimônio moral aos seus filhos! Mas deixou seus filhos na orfandade! Crescerão eles sem os carinhos daquele que era o responsável por

suas vidas, que deveria orientá-los, guiá-los, amá-los como só os pais sabem e podem fazer.

Cumprindo o seu dever o capitão Caldas perdeu a sua vida, e a vida é, sem dúvida, um grande, um extraordinário, quase milagroso bem que Deus nos dá como presente. Partiu para a longa e misteriosa viagem, foi para o mundo desconhecido da morte. Seus condescendidos por algum tempo lembrarão dele com carinho e respeito; os seus, sua esposa, seus pais, seus filhos não o esquecerão nunca; que seu exemplo possa fortalecer nossos espíritos e assim, de alguma forma, seu sacrifício será em parte compensado.

(Transcrito da "Última Hora" de 4-8-53).

COOPERATIVAS REGIONAIS:

Aguaí — Cachoeira Paulista — Guaratinguetá — Jacareí — Lorena — Paraibuna — Pindamonhangaba — Roseira — Santa Branca — Santa Izabel — São Bento do Sapucaí — São José dos Campos — Taubaté.

COOPERATIVA CENTRAL DE LATICÍNIOS

DO

ESTADO DE SÃO PAULO

Regist. M. A. sob n.º 4 e S.A. sob n.º 47

Escritório e sede central: (Diretoria 9-2658
Rua Dr. Almeida Lima, 523 Fones (S. Comercial .. 9-2659
SÃO PAULO (S. Técnica 9-2681



SECCÃO *feminina*

UM POUCO DE TUDO PARA AS FILHAS DE EVA

CONSULTAS

Se vocês tiverem algum problema a resolver, ou desejarem a receita de algum prato preferido, escrevam para:

RITA DE CASSIA
Redação de "Militia"
Rua Alfredo Maia, 106
São Paulo

pois teremos muito prazer em lhes sermos úteis.



ORIENTAÇÃO DE

RITA DE CASSIA

(Bacharelada da Escola de
Jornalismo "Casper Líbero"
da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo)

FATO EM FOCO:

Mesmo depois da coroação de Elizabeth II, continua a Inglaterra a ser o palco para onde convergem todos os olhares dos habitantes da Terra.

Não se trata, no entanto, de um fato político, mas sim de um romance: o da princesa Margareth Rose com o capitão Peter Townsend.

Deverá ou não a princesinha de vinte e três anos, educada em "Buckingham Palace", casar-se com este arrojado plebeu, divorciado, pai de dois filhos e trinta e dois anos mais velho que ela? E todos se sentem presos de emoção, à espera do resultado a ser proclamado pelo deão da igreja anglicana.

No entanto, será possível que, entre tantos representantes de sangue azul, esta curiosa mocinha não tenha achado um que lhe sirva, preferindo seguir o exemplo de seu tio, o célebre Duque de Windsor?

Miss Crawford, antiga governante da família real inglesa, conta que, desde pequenina, Margareth fôra insubordinada, chegando mesmo a provocar calafrios em sua falecida avó - a rainha Mary. Em todo caso, como afirma o primeiro ministro da Inglaterra - lord Wlinston Churchill - é preciso dar-se tempo ao tempo, quando se almeja um resultado satisfatório.

Deixemos, portanto, prezados leitores, que Margareth resolva em paz o seu problema amoroso, fazendo votos para que a mente influa na sua decisão, sobrepujando, ao menos desta vez, a fala do seu indisciplinado coração..

RITA DE CASSIA.

SER OU NÃO SER

Napoleão possuía uma caligrafia simplesmente ilegível. Certa feita mandou recolher os esboços de seus planos da campanha do Egito, e quando folheava os documentos que o arquivista lhe entregara, ficou inteiramente atônito. Acontece que, entre aqueles intrincados planos de bata-

lha, o imperador encontrou uma das cartas que escrevera a Josefina, sua esposa.

— :: —

Entre os grandes distraídos da história, figura, em lugar de destaque, o general Metaxas, antigo ditador grego. Conta-se a seu respeito que, quando ins-

peçonava uma base, no Mediterrâneo, lhe foi apresentado um novo tipo de hidroplano, o qual êle fez questão fechada de experimentar.

Tudo correu muito bem até a hora da aterrissagem, quando o ditador pretendeu baixar suavemente sobre a terra. Intervindo em tempo, o comandante lembrou-lhe de que se tratava de um hidro-avião e que, portanto, deveriam descer sobre o mar. Agradecendo, o general manobrou o aparelho e pousou a salvo, para, em seguida, abrir a porta do hidroplano e... cair na água...

A elegante estrêla Jane Russel, no filme "Macau", da R.K.O., usa um dos mais caros e luxuosos vestidos até hoje aparecidos na tela cinematográfica. E' todo tecido com fios de ouro, pesa 8 quilos e custou a bagatela de Cr\$ 15.000,00 o metro.

Harvey Brodine, irlandês nascido em 1817, possuía um enorme desgosto. Nasceria com cabelos vermelhos, de um lado da cabeça, e castanhos-escuros, de outro. Tais cores nunca se alteraram durante toda a sua vida.

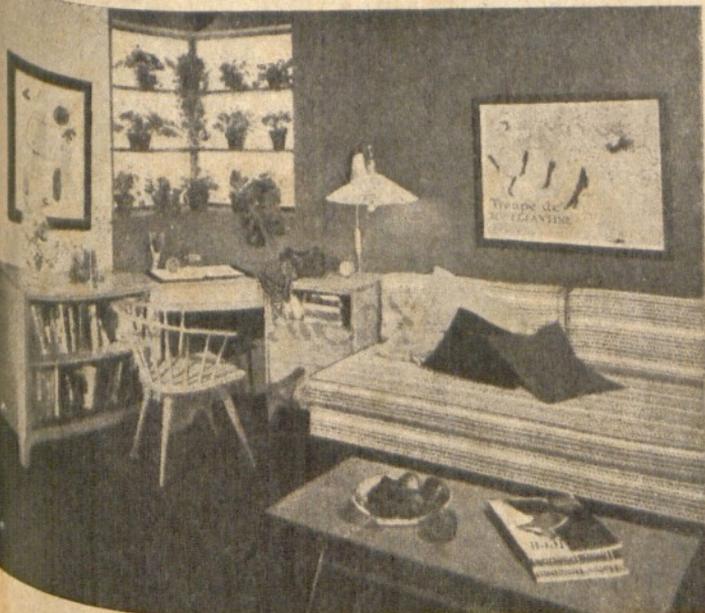
ELEGÂNCIA E PERSONALIDADE

Minha amiga, a higiene é indispensável à saúde e ao bem estar de todos. Assim sendo, dentro de um lar tudo deve estar limpo, a patroa e a sua família, até os empregados. O teto, o porão, os recantos mais afastados das vistas, devem receber da parte da dona da casa os mesmos cuidados que lhe merecem, por exemplo, a sala de visitas.

Tudo deve ser tratado com bom gosto que, apesar de ser uma qualidade inata, pode, outrossim, ser adquirida pela prática dos trabalhos caseiros, pela convivência com outras pessoas, ou mesmo pela leitura de livros ou revistas.

Uma moça deve ter gosto na ornamentação da sua casa, na arrumação dos móveis e até mesmo na disposição das flôres, em um vaso ou "bibelot". Em primeiro lugar, porém, tudo deve ser feito com capricho.

Para orientá-la, eis alguns exemplos de bom gosto, em arrumações:



- 1) Se você mora no campo, eis aqui o modelo ideal, onde se nota o uso de cores alegres e vivas, quer nas paredes ou nos móveis quase rústicos.

Almofadas coloridas e uma cadeira em lona listrada completam o ambiente campestre, num bom gosto a toda prova.





2) *Todavia, se mora em pequeno apartamento, aquí está o útil unido ao agradável.*

Nesse interior moderno, o sofá de linhas retas compõe, com móveis pouco dispendiosos, um conjunto a um tempo bonito e confortável; solução ideal para o apartamento de três peças.

Leitora, já que estamos falando em bom gosto, convém lembrar que os homens gostam de mulheres elegantes. Ora, quando digo mulheres elegantes, não quero dizer moças ricas, pois estas nem sempre sabem se vestir.

Você pode vestir-se muito bem, sem que para isso tenha de dispor de grande soma de dinheiro. O principal está no fato de você saber escolher sua tualête, assim como também os acessórios que sirvam para dar-lhe melhor aparência. Eis aquí uma linda bolsa. Interessante, graciosa e de fácil confecção, desde que o "chochet" não seja um bicho de sete cabeças para a minha gentil leitora.



RECEITUÁRIO AMOROSO

Ruth Andrade Ferreira - Capital - O seu pedido de receita está sendo hoje satisfeito, na parte que tem por título "Enriqueça o seu menu". Se desejar mais alguma coisa é só escrever-me, pois terei prazer em lhe ser útil.

Antônio Balúno Pereira - Capital - Infelizmente não tenho tempo para manter correspondência ou palestra pessoais. Agora, no caso do senhor querer um conselho, por meio da seção que mantenho nesta revista, estarei às suas ordens. Sin-

to muito, mas de outra forma não é possível.

Aurelina Gonçalves - Vera Cruz - Não se desespere por não saber fazer "boas comidas", como você mesma declara em sua cartinha. O tempo e a prática são, neste caso, os melhores amigos da dona de casa. Tente recortar tôdas as receitas que lhe agradar, e as grampeie num caderno, destinado especialmente para isso.

Verá então como, após curto prazo, estará com boas receitas para experimentar no almôço ou jantar de seu felicíssimo cara-metade.

Quanto a livros, posso indicar-lhe:

"Culinária Moderna" - da prof. Ema Cerqueira Jordão;

"Noções de Arte Culinária" - de Maria Thereza, ou então o livro de D. Benta, com os nossos votos de feliz sucesso.

DÚVIDA SALVADORA

O célebre humorista americano, Mark Twain, assegurava ter descoberto o meio de desconcertar os jornalistas, que viviam a assediá-lo com pedidos de entrevistas.

Certo dia, apresentou-se um repórter que assim se expressou:

— E' com o sr. Mark Twain, que tenho a honra de estar falando ?

— Não me atrevo a afirmá-lo - respondeu o humorista.

— Como ? - exclamou o repórter. Então o senhor não é Mark Twain ?

— Não estou muito certo disso - insistiu o escritor com o maior sangue frio. Sobre êsse ponto, nunca em minha vida poderei ter certeza absoluta. Eramos dois irmãos gêmeos. Ao nascer, meteram-nos em um banho, para nos lavarem... Mas, nessa ocasião, meu caro senhor, sucedeu uma grande desgraça... Um de nós dois morreu afogado, e nunca foi possível saber se o que morreu fui eu ou se foi o meu irmão...



ENRIQUEÇA SEU MENU

CAÇAROLA ITALIANA

Ingredientes: - 5 ovos; 5 colheres de farinha de trigo; 5 colheres de queijo ralado; 10 de açúcar e 1 garrafa de leite.

Modo de fazer: - Batem-se os ovos para pão-de-ló, misturando-se depois o açúcar, o queijo, a farinha de trigo e, por último, o leite.

Mexe-se tudo muito bem e leva-se para assar no forno, mas em "banho Maria". Não se esqueça que a forma deve ser muito bem untada, com manteiga. No entanto, se preferir, ao invés de untá-la com manteiga, derrame sobre a mesma uma calda feita com açúcar queimado, antes de colocar a mistura previamente preparada.



FRANGO COM "PETIT-POIS"

Ingredientes: - 1 frango; 200 g. de azeitona; 1/2 quilo de "petit-pois", cheiro verde, manteiga e meia folha de louro.

Modo de fazer: - Mata-se o frango na véspera,

deixando-o, no tempero, durante toda a noite. No dia seguinte, duas horas antes da refeição, coloque o frango para frigar, numa panela com gordura. Tenha o cuidado de virá-lo sempre,

para que não pegue no fundo da panela.

Quando estiver bem cozido, retire-o do fogo, corte-o em pedaços e leve-o de volta para a panela, acrescentando um pouco d'água, manteiga e os demais ingredientes acima citados.

Quando o molho estiver pronto, coloque o frango numa travessa, jogue o "petit-pois" e as azeitonas por cima, e o resto do molho, deixando, na panela, o que restou da salça e outros temperos, nem sempre preferidos pelos familiares.

Sirva este delicioso prato, ainda quente.



INGREDIENTES—

1/2 quilo de batata doce, branca;

1/2 quilo de batata doce, rosa;

1 quilo de açúcar; 1 vidro de leite de côco, 1 1/2 xícara de nozes moídas; cravos à vontade.

MODO DE PREPARAR

Faz-se, com o açúcar, uma calda bem grossa. Quando esta estiver pron-

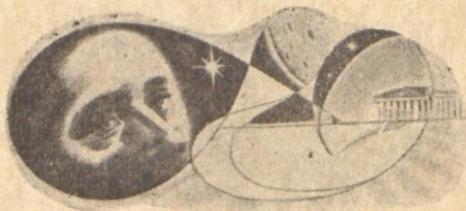
DOCINHOS DE BATATA



ta, juntam-se-lhe as batatas doces, previamente cozidas e passadas na máquina, o leite de côco e as nozes. Continua-se a mexer os ingredientes, apurando-se quando a mistura começar a se desprepar da panela. Depois de deixá-la esfriar, faz-se as bolinhas, passam-se-as no açúcar cristal, espeta-se-lhes um cravo e, finalmente, devem ser colocadas em forminhas de papel.

CONSELHO ÚTIL

"A cultura física é um meio de que dispõe a mulher para melhorar as suas condições plásticas. A ginástica melhora os contornos musculares, auxilia a correção na magreza ou gordura excessivas, corrige certos defeitos do corpo, melhora as medidas, proporciona uma pele mais bonita, uma posição correta, atitudes elegantes e movimentos graciosos".



Pensamentos

Agora, gentil, leitora, para distraí-la um pouco, seleccionamos alguns dos pensamentos de Cristina, ex-rainha da Suécia, que abdicou do trono para se tornar católica:

“Não há maior prazer do que uma boa ação, nem vitória mais gloriosa do que triunfar sobre nós mesmos”.

— “E’ preferível merecer a felicidade do que possuí-la”.

“O homem que se sente adivinhado por um seu semelhante, torna-se inimigo irreconciliável d’este”.

“E’ um grande erro julgar os sentimentos alheios pelos nossos, especialmente quando estes são sublimes, nobres e belos”.

EVA X EVA

Todo o Rio de Janeiro pôs-se em alvorôço, quando duas mulheres policiaes trocaram amabilidades, à moda da casa. De um lado tivemos o Curso de Policia Feminina Auxiliar, de D. Consuelo Carbonell e, de outro, o Curso de Policia da Escola Técnica de Serviço Social, de D. Therezita Pôrto da Silveira.

Entretanto, leitora, isso não passa de brisa; a profissão é, sem dúvida, rude e cheia de espinhos; contudo, se aprovou bem em outros países, porque não no nosso?

Ora, deixemos que as Evas briguem à vontade, pois, enquanto não sair tiroteio, a coisa não é para alarmar; e, mesmo que saia, é bom para que elas se acostumem, porque, como reza o ditado “quem está na chuva é para se molhar”.



ga de comadres e, a estas horas, já se deve ter dada por acabada.

Nem porisso o senador Mozart Lago irá se arrepender de ter apresentado o seu célebre projeto, na Câmara Federal.

Acontece que a

NOVIDADES POLICIAIS MILITARES

Neste número oferecemos aos leitores de "Militia", duas novidades poli-

ciais-militares, originais da Força Pública de São Paulo.

1.º — Quartel - Maternidade



Sgt. Anselmo Matosinho

Altas horas de uma noite bonita do mês de julho. O sargento de dia do

Serviço de Engenharia é procurado, de inopino, por uma senhora em desespero que, sentindo o momento de nascer-lhe mais um filho, precisava de imediata assistência. O sgt. em questão, Anselmo Matosinho, oferecendo um banco à senhora, toma imediatas providências junto ao pronto socorro. Mas, o tempo passa, a situação se agrava e a ambulância não aparece. Chega o momento supremo e não há mais alternativa: o sgt. Matosinho, com o auxílio de um expedito soldado, recolhe a senhora e a delivrance se processa normalmente...

Chegada a ambulância, nada mais havia a fazer senão transportar mãe e filho para a maternidade.

E ambos passam muito bem.

2.º — Bombeiros via-aérea

Em fins de julho último, precisamente no dia 18, do florescente e distante município paulista de Lins, chegou a noticia de que pavoroso incêndio lavrava nos depósitos de combustível da Shel Mex., naquela cidade.

Não havendo, no local, meios de combate ao sinistro,urgia fazer-se alguma coisa em auxílio da população linsense. E a solução não se fez esperar: às 14,30 hs. uma aguerrida guar-

nição no C.B., com mais de meia tonelada de material destinado a combater incêndio, lotava um avião de carreira e, pouco depois, descia em Lins, dando impetuoso combate às chamas e extinguindo-as. Já às 22 horas regressavam os valentes bombeiros, só permanecendo no local a turma de rescaldo.

Fato inédito no Corpo de Bombeiros da Força Pública de São Paulo.

José Silva - Tecidos, S. A.

(Casa fundada em 1885)



End. Telegráfico «SILVIUS»
CAIXA POSTAL, 445
TEL. 48-28-95 (RDE)

RIO DE JANEIRO, D. F.

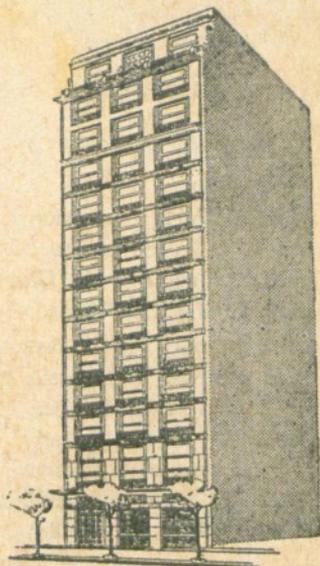
TECIDOS E ARTEFATOS DE TECIDOS EM GERAL
— IMPORTADORES E EXPORTADORES —

FORNECEDORES DAS FORÇAS ARMADAS, INCLUSIVE
DA FORÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Departamento de vendas
em SÃO PAULO (Capital)

Av. Nova Anhangabaú, 702-3.º, Sala 32

Caixa Postal, 3021 —
En. Telegráfico, "SILVIUS"
Telefone: 33-2662

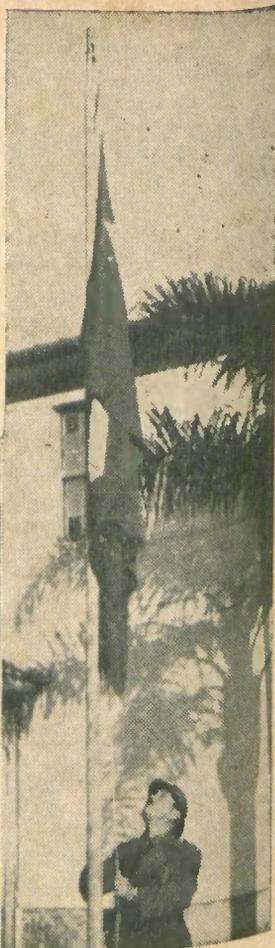


Sede no Rio de Janeiro

O DIA DO SOLDADO

NA

— FÔRÇA PÚBLICA —



O cel. João de Quadros ao entregar a medalha a um sargento do B.P.

A Fôrça Pública comemorou, con-
dignamente, o 25 de agosto, Dia do
Soldado, data natalícia de Caxias, o
grande vulto da nacionalidade.

Do programa das festividades
constaram diversos atos. Assim é que,
às 8,15 hs., no salão do Quartel Ge-
neral, presentes o gen. Edgar de Oli-
veira, comandante da 2.ª Região Mili-
tar, dr. Elpidio Reali, secretário da
Segurança Pública, cel. Alcides Neiva,
chefe do Estado Maior da 4.ª Zona

Aérea, srs. Tavares da Silva, diretor
da Guarda Noturna, Carlos Carlini,
inspetor-chefe da Guarda Civil, coman-
dantes de corpo e chefes de serviço da
Fôrça Pública e amigos e admiradores
do homenageado, foi inaugurado o
retrato do cel. Euryale de Jesus Zer-
bini, na galeria dos antigos comandantes
gerais da Corporação Paulista.

O cel. João de Quadros, comandan-
te geral da Milícia, leu o boletim alusi-
vo ao fato, tecendo considerações sô-

bre o comando do cel. Zerbini e manifestando a satisfação com que procedia àquele ato regulamentar.

O homenageado, agradecendo, relembrou episódios da época de seu comando e ressaltou o papel que a Fôrça Pública representa no cenário estadual.

A seguir, as autoridades se deslocaram para o campo do Canindé, onde assistiram à cerimônia da entrega de medalhas de guerra aos seguintes oficiais e praças da Milícia, agraciados pelo presidente da República: ten. cel. Cicero Bueno Brandão, major Aristides de Almeida, caps. Raul Lanzilotti, Thomaz de Aquino Machado e José Limongi

França; substens. Antônio Morgado e Norberto Mazzochi; 1.o sgt. Geraldo Eulálio Marques e 2.o sgt. Osório Pais de Freitas.

Finalmente, lido o boletim comemorativo, onde se realçou a figura de Caxias, Patrono do Exército Nacional, tôda a tropa desfilou, com magnífico garbo.

Encerrando as solenidades do Dia do Soldado, o Conjunto Musical da Fôrça Pública levou a efeito, às 20 hs., no Vale do Anhangabaú, concorrido concêrto.

Os clichês fixam aspectos das festividades.



LINHA OCUPADA

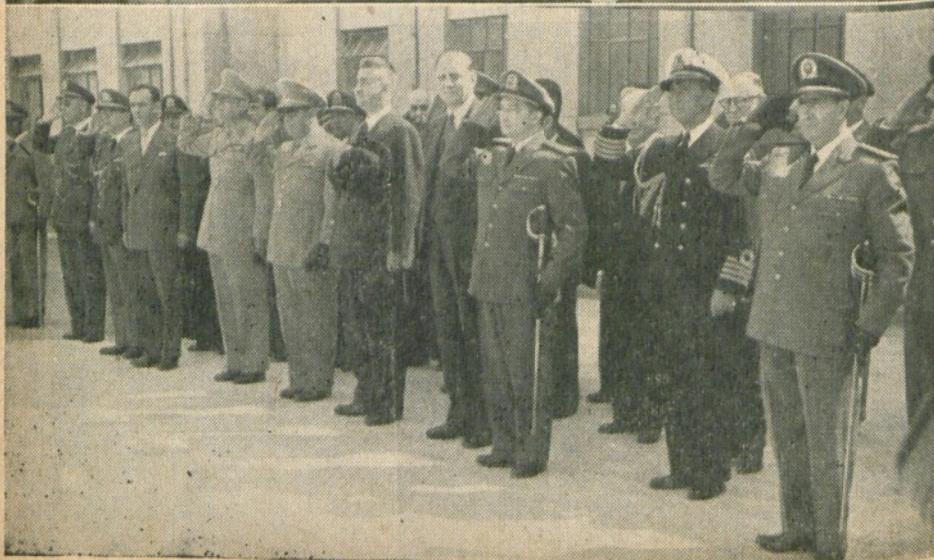
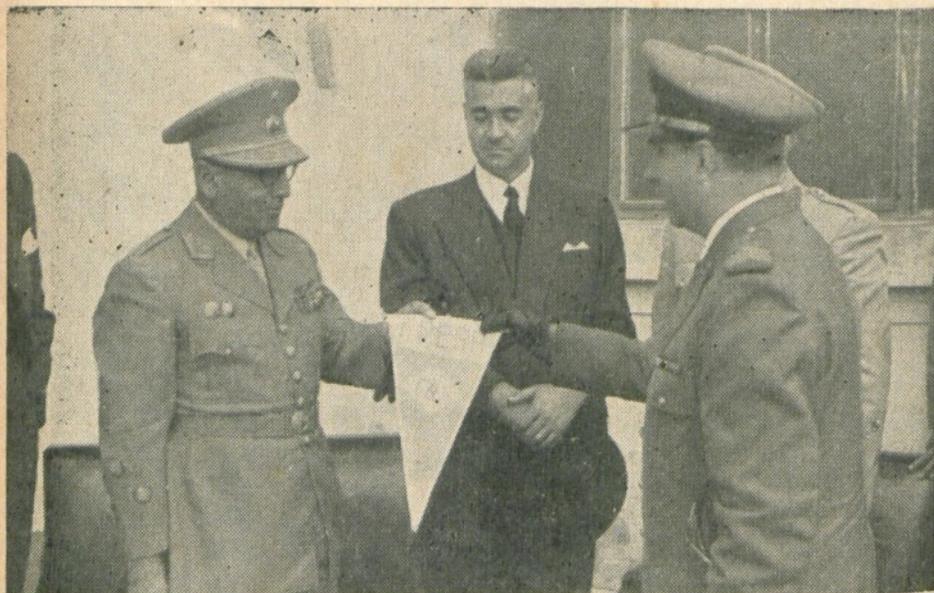
UM RUÍDO QUE DESFAZ
BONS NEGÓCIOS

Como a porta de sua casa, a linha do seu telefone deve estar sempre aberta para receber os seus fregueses, clientes ou amigos. Uma só conversação desnecessariamente longa fecha a porta a outras ligações talvez
_____ mais importantes. _____

VISITA HONROSA

Auspicioso fato para a Fôrça Pública, registrou-se no dia 31 de agosto último. Referimo-nos à honrosa visita feita à Corporação, pelo gen. Manoel Odria, eminente presidente da República do Peru.

S. excia., acompanhado do prof. Lucas Nogueira Garcez, governador de São Paulo, foi condignamente recepcionado, às 10 hs., no Centro de Formação e Aperfeiçoamento, pelos comandantes de corpo e chefes de serviço, tendo à



frente o cel. João de Quadros, comandante geral da Milícia. Outras altas autoridades civis e militares compuseram a comitiva governamental.

Prestadas ao homenageado as honras de estilo, ouviram-se os hinos nacionais do Peru e do Brasil. A seguir, houve desfile da tropa, em continência à autoridade visitante, bem como várias demonstrações de cultura física, pela Escola de Educação Física da Corporação.

Visitadas as dependências do Centro de Formação e Aperfeiçoamento, ao ilustre visitante foi oferecido um "cocktail", de que participaram o governador do Estado, tôda a comitiva e demais autoridades presentes.

O gen. Manoel Odria manifestou sua satisfação pelo que lhe foi dado a observar e referiu-se, de maneira a mais lisonjeira, à valorosa Fôrça Pública de São Paulo.

MILITIA, presente às solenidades, fixou os seguintes flagrantes: 1) o general Odria ao receber, das mãos do ten. cel. Jaime Bueno de Camargo, a flâmula da Escola de Educação Física; 2) no C.F.A., s. excla. presta continência à Bandeira Brasileira.

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

NOTURNA

PRAÇA RAMOS DE AZEVEDO, 192

(PRÉDIO C. B. I.)

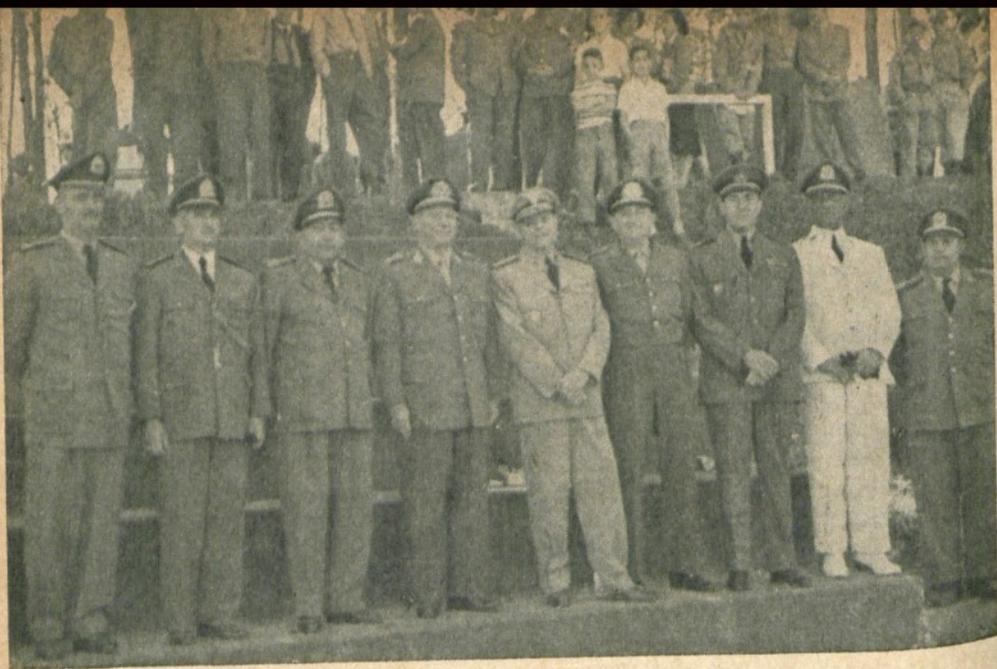
Em PINHEIROS

AV. BUTANTÃ, 104 (PEGADO AO CINE GOIÁS)

Abertas das 12 às 23 horas

Aos sábados, das 9 às 15 horas.

JUROS DE 5% E 6%.



ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO DO II REC. MEC.

Comemorando a passagem de mais um de seus aniversários de fundação, ofereceu, no dia 18 de julho próximo passado, o II Esq. Rec. Mec., em seu bellissimo quartel da rua Manoel da Nóbrega, uma festa de confraternização, onde o brilhantismo foi a característica principal do acontecimento de larga repercussão social.

Acentuou a seletividade da assistência, o comparecimento de altas autoridades, e entre elas os srs. gen. Floriano Peixoto Keller, chefe do E.M. do 2.º Grupo de Regiões; brigadeiro do ar Armando Ararigbóia, comandante da IV Zona Aérea; cap. de mar e guerra Saldanha da Gama; cel. João de Quadros, comandante geral da Fôrça Pública do Estado de São Paulo, ten. cel. Agenor de Almeida Castro, comandante do Regimento de Cavalaria da Fôrça, e inúmeros outros destacados elementos.

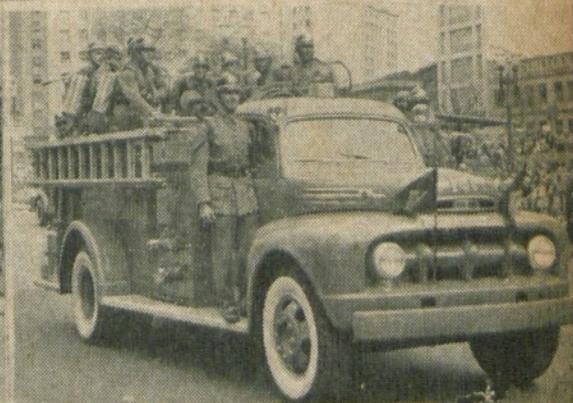
A primeira parte das festividades constou de um concurso hípico, denominado «Prova Amizade», de classe ômnia, com barragem obrigatória.

Elevado número de concorrentes e disputa animadíssima, entusiasmaram os assistentes. Resultado final teticamente bom, como abaixo se vê: - 1.º lugar, - 1.º ten. Cirilo, da 2.ª R.M., montando «Albatroz»; 2.º lugar - ten. Gildo, da 2.ª R.M., na condução de «Kiss me»; 3.ª colocação, ten. Roldão, do R.C. da Fôrça Pública, sôbre «Galã»; 4.º posto - ainda o ten. Gildo, da 2.ª R.M., montando «Prêto».

Após a prova, e como feliz remate à memorável comemoração. como soe ser as festas daquela Unidade de Cavalaria do Exército Brasileiro, foi servido um suculento churrasco.

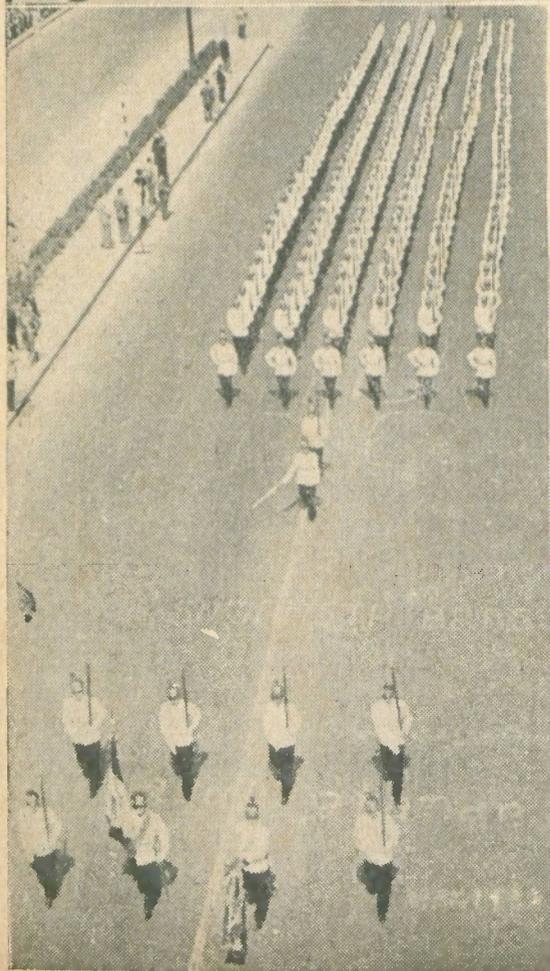
MAGNÍFICA FESTA CÍVICA

© DIA DA PÁTRIA





Os alunos-oficiais da Fôrça Pública e a sua já tradicional marcialidade.



Tiveram cunho especial as solenidades comemorativas do dia da Pátria. Dentre elas, constituiu acontecimento esplendoroso o magnífico desfile das Fôrças Armadas, no Vale do Anhangabaú, às 10 hs. do dia 7 de setembro último, 131.º ano da Independência.

O espírito cívico dos paulistas se fez presente, através da enorme massa humana que se comprimia ao longo da Avenida, aplaudindo a apresentação impecável de tãda a tropa piratiningana.

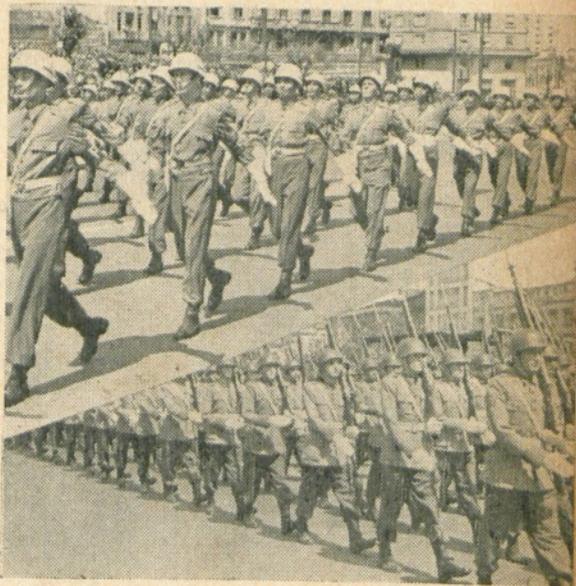
Participaram da parada os ex-combatentes de São Paulo, tropas do Exército, da Aeronáutica e da Fôrça Pública do Estado. Constituiu motivo de aplausos e desusado interesse público a apresentação do novo aparelhamento rodante do Corpo de Bombeiros.



Tropa da Aeronáutica e "pracínhas" da F.E.B.

O prof. Lucas Nogueira Garcez, governador do Estado, e o gen. Anor Teixeira dos Santos, comandante da Zona Militar do Centro, passaram em revista as tropas formadas ao longo do vale, iniciando-se, logo após, o desfile que se realizou de maneira impecável, assistido pela totalidade das altas autoridades paulistas, federais, estaduais e municipais.

Os flagrantes que apresentamos levam aos leitores alguns aspectos da monumental festa de civismo.



No alto, a P.M. do Exército; em baixo, alunos do C.P.





O professor Lucas Nogueira Garcez, governador do Estado, e o gen. Anor Teixeira Santos, comandante da Zona Militar do Centro.



O general João Batista Rangel foi o comandante do Destacamento.



No comando do 2.º Agrupamento, constituído por elementos da Força Pública, esteve o coronel Cândido Bravo, inspetor administrativo da milícia paulista.



Recebem dividendos os quotistas da Sec. Reembolsáveis



"Enorme bicha se estendia pela rua Rodrigo de Barros..."

Informações sobre a Sec. Reembolsáveis sempre despertam interesse entre os elementos da Fôrça Pública, de vez que um grande contingente (mais de 2.000) dos que residem na Capital são quotistas da organização. Além disso, muitos mais (e entre estes incluímos boa parte do interior), desejosos de conhecer as condições de ingresso e as vantagens que a Reembolsáveis oferece, andam à cata de tais infor-

mações. Boa soma delas já foi divulgada através de número anterior deste mensário (n.º 29 — julho/agosto 52). Todavia, ciente de que ia se processar a distribuição dos dividendos de 1952, «Militia» ali compareceu para colher mais alguns elementos, cumprindo o dever de informar aos seus leitores.

Desusado movimento assinalou o início da distribuição dos lucros



Cada um na sua vez, recebem devidos o coronel e o "praça velha" reformado.

aos quotistas. Enorme «bicha» se estendia pela rua Rodrigo de Barros, comprovando-o. Muitos oficiais também aguardavam a sua vez, em outro local. Depois de termos «acionado» o Ludovico, que fixou os aspectos que os clichês assinalam, a reportagem passou a trocar idéias com o cap. Carlos Menezes, diretor-gerente da entidade. Pudemos verificar, então, que o lucro de 1952, apesar de limitado, por imperativo da própria finalidade da instituição, foi de Cr\$ 734.924,00, assim distribuído: retorno aos quotistas (50%) - Cr\$ 367.462,00; fundo de desenvolvimen-

to 40%) - Cr\$ 293.969,60; e fundo de reserva (10%) - Cr\$ 73.492,40. Constatou-se, pois, um aumento de 150% no dividendo, de vez que, no ano anterior, este foi de 1% e, em 1952, de 2,5%.

O número de quotistas, que ao findar de 1952 era de 1.300, atualmente é de 2.136, dos quais 133 são viúvas, beneficiárias de Caixa Beneficente. Outro índice do sucesso da Reembolsáveis é o movimento mensal de vendas, que já atingiu a casa dos dois milhões, este ano.

Eis alguns resultados positivos de uma organização útil.

DESPEDIDA DO

Cel. Luiz Gonzaga de Oliveira



Por decreto de 12 do mês próximo findo, foi transferido para a reserva, a pedido, após longo período de inestimáveis serviços prestados à Corporação, o cel. Luiz Gonzaga de Oliveira que vinha exercendo as altas funções de chefe do Estado Maior da Fôrça Pública.

Oficial de raras virtudes, mereceu e conquistou as mais seguras manifestações de simpatia, respeito e amizade de seus pares. Assim é que, a 14 de agosto, em expressiva reunião realizada no salão nobre do Quartel General, presentes os ceis. João de Quadros, comandante geral da Fôrça Pública, José Anchieta Torres, juiz do Tribunal de Justiça Militar, Cândido Bravo, inspetor administrativo, João de Oliveira Melo, diretor geral de instrução, José Lopes da Silva, chefe da Casa Militar do governador do Estado, comandantes de corpo, chefes de serviço e a totalidade dos oficiais do Q.G., ao cel. Gonzaga foi prestada significativa homenagem.

Inicialmente, falando, o cel. João de Quadros, em nome da Corporação, despediu-se do valoroso camarada que se afastava de nosso convívio diário,

salientando ser o cel. Gonzaga um paradigma, padrão de honradez e probidade, profundamente benquisto na Corporação. Após, o cap. Sebastião Rufino Freire, em nome dos oficiais do Q.G., apresentou as despedidas ao homenageado, ofertando-lhe um brinde, como lembrança dos camaradas do Quartel General.

O cel. Gonzaga, visivelmente emocionado, agradeceu o carinho que lhe dispensavam os companheiros e teceu várias considerações acêrca da Corporação que o agasalhara por tantos anos, pondo mais uma vez à mostra sua modestia e espirito de renúncia.

Na mesma ocasião o cel. Gonzaga transferiu as funções de chefe do Estado Maior ao ten. cel. Rubens Teixeira Branco, seu substituto legal, posteriormente nomeado, por decreto, para o exercício interino do mesmo cargo.

"Militia", lamentando que a Fôrça Pública se prive do concurso de um de seus oficiais de escol, apresenta cordiais cumprimentos ao cel. Luiz Gonzaga de Oliveira, almejando-lhe plena felicidade na nova etapa que a vida lhe propicia.

VISITA

E' com prazer que registramos a visita feita à nossa redação pelos srs. Aniz Badra e Ney Coutinho, respectivamente presidente e diretor executivo da Associação Paulista de Municípios.

Recebidos pelo nosso secretário, discorreram, em longa e agradável palestra, sobre as finalidades sadias e o desenvolvimento da campanha municipalista de que são, aliás, os líderes em nosso Estado.

O dr. Aniz Brada, que também é prefeito de Marília, não deixou de referir-se à Fôrça Pública, situando-a segundo os ideais municipalistas. Afirmou, mesmo, que os municípios jamais deverão cogitar de polícia própria donde, naturalmente, a necessidade de permanecermos à frente do

serviço de policiamento em todo o Estado.

Velho amigo de «Militia», o dr. Brada frizou que veio à nossa redação a fim de, pessoalmente, convidar o nosso diretor-geral, cel. José Anchieta Torres, para a Concentração Regional Municipalista, a realizar-se às 20 horas do dia 13 de outubro próximo, no Teatro São José, em Piracicaba. Tal concentração, adiantou-nos, contará com a presença do general Juarez Távora, diretor da Escola Superior de Guerra do Exército que, após proferir uma conferência sobre tema municipalista, será juntamente com a Fôrça Pública homenageado pela Associação Paulista de Municípios.

Aos drs. Aniz Badra e Ney Coutinho, os agradecimentos de «Militia».

— :: —

FORMATURA

Com dedicatória amável, recebemos do ten. cel. Otaviano Castro de Freitas Costa a fotografia que estampamos ao lado.

Velho servidor da nossa Fôrça Pública, o cel. Otaviano vem de diplomar-se em ciências jurídicas e sociais pela tradicional Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

Profundamente grata pelas referências elogiosas, «Militia» apresenta cumprimentos e deseja, ao dr. Otaviano, muitas felicidades no exercício de sua nova e dignificante profissão.



Caixa Beneficente da Fôrça Pública

Em sessão ordinária da Diretoria realizada a 31 de agosto próximo findo, foram despachados os seguintes processos:

PENSÕES — 8.500,00 a Dora Walkiria Condé Rodrigues Caldas, com os menores Marcos, Célia e Murilo, viúva e filhos do cap. Sêrvio Rodrigues Caldas, do Q.G.; 3.000,60 a Marina Brunetti Cesar, viúva do subten. do S.Subs. Osvaldo Guimarães Cesar; 3.000,00 a Regina Amália Pôrto do Amaral, com os menores Luiz Antônio e Juçara Maria Duarte do Amaral, viúva e filhos do cabo do C.B. Antônio Duarte do Amaral; 2.379,60 a Ana de Souza Oliveira com os menores José Antônio, João e Vicente, viúva e filhos do 1.º sgt. rfm. José Isidoro de Oliveira; 2.100,60 a Alvina Maria da Conceição, viúva do 3.º sgt. rfm. Belarmino Pereira dos Santos; 1.260,00 a Ana Maria de Jesus, viúva do cabo rfm. Francisco Luiz de França; 1.139,40 a Matilde Blanc, com os menores Walter, Yara e Roberto, viúva e filhos do sd. rfm. Roberto Blanc; 633,00 a Eva Líria Merola de Almeida com os menores Luiz Antônio e Sueli Gomes de Almeida, viúva e filhos do sd. do Q.G., Luiz Gomes de Almeida; 633,00 a Benice Aluque de Lima com o menor Luiz Carlos, viúva e filho do sd. do 4.º B.C., João Benedito de Lima.

Majoração de pensão — de 3.000,60 para 6.000,00 a pensão concedida a Benedita de Jesus Rodrigues Mendonça e filhos, beneficiários do falecido subten. José Ricardo Rodrigues, promovido "post-mortem" ao posto de 1.º tenente.

Empréstimos: Sob compromisso — 150.000,00 ao 1.º ten. Luiz Gonzaga de Oliveira; 152.000,00 ao subten. Pedro Quirino Moreira dos Santos; 120.000,00 ao 2.º sgt. Natanael de Oliveira Vale e 82.600,00 ao cabo Francisco Sales Corrêa. **Hipotecários** — 160.000,00 ao 1.º sgt. Adauto Batista; 180.000,00 ao 1.º ten. Antônio Bruno e, condicionalmente, de 280.000,00 ao cap. Air Ribeiro de Carvalho. **Hipotecário (art. 69 do Regulamento)**: — 100.000,00 ao cel. Luiz Gonzaga de Oliveira. **Suplementares**: — 80.000,00 ao major Nabor Nogueira Santos e 80.000,00 ao major Milton Leonel.

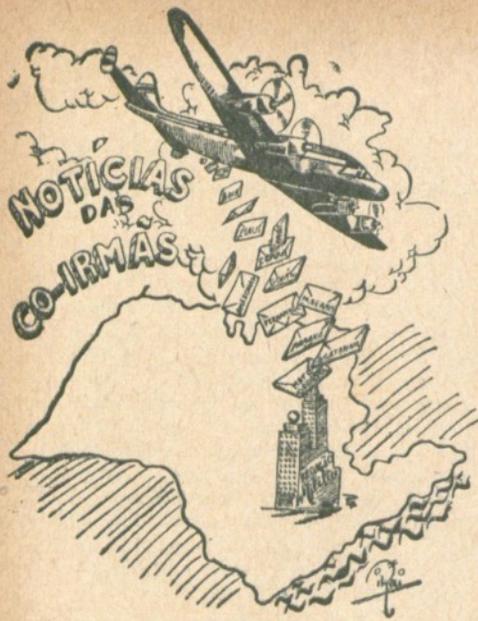
Requerimentos despachados: — Do cel. res. Joaquim Ferreira de Souza, solicitando a concessão de um terceiro empréstimo hipotecário: "**Indeferido por falta de amparo legal**"; Eduardo Alves dos Santos, 1.º sgt. rfm., pedindo concessão de empréstimo simples: "**Requeira em termos**"; Laurindo Valeriano Cardim, 2.º sgt. rfm., pedindo seja majorada a sua contribuição para esta Entidade de acôrdo com os seus proventos atuais: "**Deferido nos termos das informações**"; Carlindo Pereira, cabo rfm. pedindo empréstimo hipotecário da importância de 100.000,00 para compra de casa no município de Guarulhos: "**Indeferido por falta de amparo legal, visto ser autônomo o Município de Guarulhos**"; Margarida dos Santos, pedindo revisão de sua pensão: "**Não há o que deferir, visto estar de acôrdo com os dispositivos regulamentares a pensão já concedida, ante o fato de não ter sido considerada em ato de serviço público, a morte do "de cujus"**".

O velho coronel inspecionava o rancho do regimento e provando numa concha uma bebida escura que lhe foi apresentada, disse satisfeito:

— Excelente café está sendo servido às praças arranchadas.

O cosinheiro entre embaraçado e encabulado, esclareceu:

— Seu comandante, isso aí é a sopa...



BAHIA

VENCIMENTOS DA P. M.

Por determinação do governador Regis Pacheco foi constituída uma comissão, sob a presidência do secretário da Segurança Pública, para estudar as bases do aumento dos vencimentos dos elementos da Polícia Militar, consoante promessa anterior, feita por aquêle chefe de governo.

GRANDE PERDA PARA A CORPORAÇÃO

Acometido de um colapso cardíaco, faleceu, na manhã do dia 20 de julho, último, o major Sebastião Bitencourt Borba, que vinha exercendo as funções de sub-diretor do Centro de Instrução, inspetor da Escola de Formação de Oficiais, e presidente da Sociedade Beneficente da Polícia Militar.

O seu passamento causou geral consternação no seio da corporação, pelas boas qualidades morais e profissionais que o fizeram merecedor da

estima e do acatamento entre seus superiores, colegas e subordinados.

No seu sepultamento, falaram o major Alvim Rodrigues de Melo, em nome do Clube dos Oficiais, e o aluno do Curso de Intendência, Osvaldo Silva Matos, pelo corpo discente do Centro de Instrução.

DISTRITO FEDERAL

(POLÍCIA MILITAR)

ATRAVANCADO O QUADRO DE OFICIAIS SUPERIORES

O ministro da Justiça, respondendo a um pedido de informações sobre o projeto de lei n.º 2.999-52, que transfere para a inatividade os oficiais da Polícia Militar do Distrito Federal, manifestou-se favorável à aludida proposição, pois, se convertido em lei, permitirá um escoamento normal e uniforme dos que atingissem o último posto da atividade, sem prejuízo para qualquer um deles, e sem maiores ônus para o erário de vez que, condicionando, como condiciona, a reforma ao mínimo de 30 anos de serviço, não acarreta diminuição do tempo exigido para que o oficial, voluntariamente, se retire da atividade.

Esclarecendo a situação em que se encontram os quadros da Polícia Militar, revela então o ministro da Justiça que em face de paralização dos mesmos, maxime a verificada com relação aos oficiais superiores, muitos daqueles militares foram atingidos pela compulsória como captações e alguns deles como tenentes, por não terem encontrado maiores possibilidades de acesso, dado o atravancamento que ora se verifica.

E salienta que, salvo o caso de pedido de reforma, as vagas prováveis de tenentes-coroneis do quadro ordinário, ocorrerão nos anos seguintes: 1955, uma vaga; 1956, duas vagas; 1957 e 1958, nenhuma vaga; 1959, duas vagas, 1960, duas vagas; 1961, três vagas; 1962, 1963 e 1964, nenhuma vaga; e 1965, uma vaga.

CONTINUA ABERTO O VOLUNTARIADDO

Continuam abertas, na P.M., as inscrições para o ingresso na Polícia Militar, com vencimentos e vantagens iniciais de 2.000 cruzeiros.

São condições de ingresso: ser reservista ou possuidor de certificado de alistamento; saber ler, escrever e fazer as quatro operações fundamentais; ter vida pregressa limpa. Para outras informações, procurar o Q.G. da P.M., à rua Evaristo da Veiga, 78.

INATIVIDADE DE OFICIAIS

Foi aprovado, pela Comissão de Segurança Nacional, o parecer André Fernandes, que apresentou substitutivo ao projeto dispondo sobre a transferência de oficiais para a reserva, que contem mais de trinta anos de serviço ou quatro no último posto do respectivo quadro e que ficam arrolados na reserva de primeira classe do Exército, até atingirem o limite de permanência nessa reserva.

DISTRITO FEDERAL

(CORPO DE BOMBEIROS)

BOMBEIRO TAMBÉM PRECISA
SER ALPINISTA

Na tarde do dia 21 deste mês, os bombeiros foram chamados para

«retirar três alpinistas que se encontravam no alto do pico do Papa-gaio», no Grajaú. Para lá partiram os soldados do fogo, sob o comando do tenente Ernesto, do Serviço de Proteção e Salvamento.

De fato, logo que chegaram ao local, os bombeiros perceberam, no alto do morro (cêrca de 300 metros), algo branco, com forma humana. Os moradores das vizinhanças explicaram, então, que três jovens ali tinham subido há dois dias e que até então ainda não haviam descido.

Imediatamente, o tenente Ernesto subiu ao morro, levando consigo 60 metros de corda. Verdadeira multidão acompanhava, de baixo, o arrôjo e coragem dos bombeiros. Durante quase cinco horas, os valentes soldados do fogo esclaram o morro. Finalmente regressaram, sob grande expectativa dos populares.

Foi quando se ficou sabendo que lá em cima havia apenas um pedaço de jornal, que ninguém sabe como ali foi parar. Os bombeiros haviam dado uma exibição, sem nenhum resultado prático.

PARAIBA

INAUGURAÇÃO DO QUARTEL DE
BOMBEIROS DE
CAMPINA GRANDE

Com a presença do governador João Fernandes de Lima e seu secretariado, do cel. Ivo Borges Fonseca, comandante da Fôrça Policial do Estado, e outras altas autoridades civis militares do Estado, teve lugar, no dia 5 deste mês, a inauguração do quartel do Corpo de Bombeiros de Campina Grande, corporação criada pelo ministro José Américo, ao tem-

po em que exercia as funções de governador do Estado.

Do ato inaugural constou uma demonstração do uso do moderno material e do adestramento dos soldados da corporação, além de uma animada disputa esportiva com os elementos da Polícia Militar.

Vale ressaltar que a presença de uma unidade de bombeiros constituía velho e justo anseio do povo campinense, cuja cidade, por todos os motivos, estava a exigir tal melhoramento, condizente com o seu caráter de «urbs» moderna e progressista.

Numerosa caravana de figuras de relevo dos meios administrativos e sociais de João Pessoa dirigiu-se a Campina Grande, a fim de assistir às solenidades.

PARANÁ

ANIVERSARIO DA POLICIA MILITAR

No dia dez de agosto, a Polícia Militar do Paraná, comemorou seu 99.º aniversário de fundação. 99 anos de sacrifícios e de lutas na defesa das instituições e na salvaguarda e segurança da família paranaense.

Criada no ano de 1854, a Polícia Militar do Paraná teve, como seu primeiro comandante, o capitão Joaquim José Moreira, que ocupou aquele cargo desde 28 de novembro de 1854 até 4 de janeiro de 1856. Hoje, passados 99 anos, tem ela no coronel Breno Pernetta, jovem oficial, instruído, ilustrado e culto, perfeito cavalheiro, de energias inflexíveis e de cristã bondade, o seu 44.º comandante.

Comemorando auspiciosamente o grande acontecimento, um bem elaborado programa foi apresentado, contando com a presença das mais altas autoridades civis, militares e eclesiásticas, além de grande número de convidados especiais e da família miliciano. Foram agraciados com a medalha de paz, ouro, prata e bronze, vários oficiais. O comando daquela corporação ofereceu ao soldado José de Lima, pai da primeira criança nascida na Maternidade do Quartel, uma caderneta da Caixa Econômica.

A 2.ª Cia. do Batalhão de Guardas, comandada pelo cap. Eduardo Sebrão, desfilou em continência às autoridades presentes. Adestrado pelotão, ao comando do 1.º ten. Leonilo dos Santos, fez belíssima demonstração de Ordem Unida. O 2.º ten. Heitor Carlos Moreira, à frente de exímia equipe de acróbatas, apresentou interessantes números de ginástica acrobática e figuras ornamentais, conquistando numerosos aplausos.

O governador do Estado, dr. Bento Munhoz da Rocha Neto, inaugurou, então, a Sala D'Armas «Cap. Washington», falando, na ocasião, o cap. Orlando Xavier Pombo e o homenageado, cap. Washington Honório de Moura Brasil. No mesmo local, foram entregues os troféus e medalhas aos vencedores do torneio quadrangular de Esgrima em que participaram as equipes da Polícia Militar do Paraná, Polícia Militar de Santa Catarina, Federação Paranaense de Desportos Universitários e Clube de Esgrima Cmt. Brenno Pernetta (recém fundado), cabendo a vitória à Polícia Militar de Santa Ca-

tarina, que conquistou o primeiro lugar nas provas de florete e sabre. A Polícia Militar do Paraná, coube a vitória de espada. Perante a numerosa assistência que superlotava a Sala D'Armas, foram levadas a efeito, pelos chefes de equipes e oficiais alunos do Curso de Esgrima da Polícia Militar do Paraná, demonstrações de esgrima, servindo-se depois, um coquetel, às autoridades, oficialidade e convidados, ocasião em que usou da palavra o cap. Rubens Mendes de Moraes.

MILITIA, cumprimentando o cap. Washington H. Moura Brasil, associa-se alegremente às homenagens prestadas ao seu eficiente e entusiasta representante junto à co-irmã paranaense.

A segunda parte do programa, constou de provas de desportos coletivos. Às 18 horas foi arriada a Bandeira Nacional, ficando assim encerradas as comemorações do 99.º aniversário da Polícia Militar do Paraná, que galgou o penúltimo degrau para o seu centenário.

PERNAMBUCO

DOIS TÉCNICOS EM INCÊNDIO VISITAM O RECIFE

Técnicos do Corpo de Bombeiros de Montevidéu, passando pelo Recife, de volta da Europa, onde estiveram em viagem de estudos, falaram à imprensa da capital pernambucana. Um deles é o próprio chefe do Corpo de Bombeiros de Montevidéu, cel. Carlos Herrera, e o outro é o dr. Alfredo Damonte, diretor técnico dos estaleiros da mesma corporação.

Regressam esses dois técnicos da Europa, onde se encontravam há alguns meses, estudando o que se faz ali no que diz respeito à segurança dos aeroportos, contra incêndios, observando tudo quanto há de mais interessante nesse setor, no Velho Mundo, particularmente na Alemanha, França, Itália e Inglaterra.

Dizendo a respeito do adiantamento a que chegou o Uruguai na luta contra incêndio, daclararam que existe naquele país a mais alta escada da América do Sul, medindo cinquenta e quatro metros, valendo notar que a segunda em altura está no Recife e mede trinta e nove metros. Ambas foram fabricadas na cidade de Ulm, na Alemanha, onde também estiveram agora aqueles dois técnicos uruguaios.

RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS

O governador Amaral Peixoto, sancionou lei da Assembléia Legislativa do Estado do Rio, criando, na Polícia Militar, a Escola de Formação de Oficiais, internato, diretamente subordinada ao Comandante Geral, e que terá por fim.

a) - habilitar os candidatos, civis ou militares, ao ingresso no posto de aspirante a oficial e conseqüente acesso até ao de capitão; b) - prepará-los para o exercício das funções normalmente atribuídas aos funcionários de nível superior da Polícia Civil do Estado; e c) - formar a base do aprimoramento moral de todos os que servirem ao estabelecimento, particularmente dos alunos,

constituindo-se fonte revitalizadora da Corporação.

METRALHADORA, ARMA DE DEFESA PESSOAL ?

O dep. Tenório Cavalcanti, há dias, em entrevista à imprensa, declarou que qualquer cidadão poderia usar metralhadoras como armas de defesa pessoal, desde que tais armas sejam inservíveis para as forças armadas, dando, como exemplo, o seu caso, já por demais famoso em todo o território nacional.

E' aqui, porém, que o carro pega: alguns cidadãos fluminenses, baseados nas informações do deputado, estão procurando obter licença para adquirir e portar essa arma automática, sendo numerosas as consultas dirigidas à Secretaria da Segurança Pública fluminense, nesse sentido. O titular desta pasta, cel. Barcelos Feio, ouvido pela reportagem sobre tais pedidos de licença, declarou que vai examinar o assunto, tão logo os requerimentos cheguem às suas mãos.

RIO GRANDE DO SUL PARA A CASA MILITAR

Passou à disposição do governo estadual, para servir na Casa Militar, o major Aldo Cortez Campomar, do E.M.

CLASSIFICAÇÃO DE OFICIAIS

No E.M., o ten. cel. Florêncio José de Oliveira e majores João Carvalho Carpes, Jorge Adão Fetter e Aldo Cortez Campomar e capitães Atilo Cavalheiro Escobar e Diomário Moojen, sendo o primeiro como chefe; no C.I.M., o major Ger-

son Borges e cap. José Barcelos Garcia, sendo o primeiro como subcomandante; no S.I., o cap. Nilo Martins; no 2.º B.C., os major João Cunha de Oliveira e cap. Cirilo Santana, sendo o primeiro como subcomandante; no 3.º B.C., o cap. Artur Torriani; no 4.º B.C., como subcomandante, o major Artur Dornelles da Silva; no 5.º B.C., o cap. Clovis Fontoura Xavier; no 1.º R.C., os ten. cel. Antônio Gonçalves Lérias, major Jardini Tombesi e caps. Getúlio Mário Zanchi e Dante Fadaneli, sendo o primeiro como comandante e o segundo como subcomandante; no 2.º R.C., como comandante, o ten. cel. Rubens Ferraz Machado; no 3.º B.C., como comandante, o ten. cel. Manoel Alves Martins e, como subcomandante, o major Alfredo Rosa Prestes; no R.B.G., o cap. Wandenkolk de Freitas Marques.

OFICIAL A DISPOSIÇÃO DA D.A.E.R.

Passou à disposição do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem, a fim de prestar serviços na Polícia Rodoviária, o 2.º ten. Paulo Pôrto Costa, do Serviço de Intendência.

MONTENEGRO PLEITEIA UM SERVIÇO DE BOMBEIROS

Elementos representativos de Montenegro, em reunião realizada na Associação Comercial, no dia 4 deste mês, trataram da organização de uma unidade de bombeiros para a cidade, cuja necessidade há muito se vem fazendo sentir. Além do prefeito Germano Henke, compareceram vereadores, representantes das classes

produtoras e o cel. Ernani Ferraz Machado, comandante do 5.º B.C. da B.M. Este oficial, esclareceu que atualmente, os corpos de bombeiros, no Estado estavam sendo atendidos pela Brigada Militar, por isso que poderia prestar alguns esclarecimentos sobre o assunto, inclusive sobre as condições e tipos de estação de bombeiros, padronizados pela Brigada, bem como as condições do convênio que a milícia estadual mantinha com a municipalidade, caso fosse concretizada a idéia.

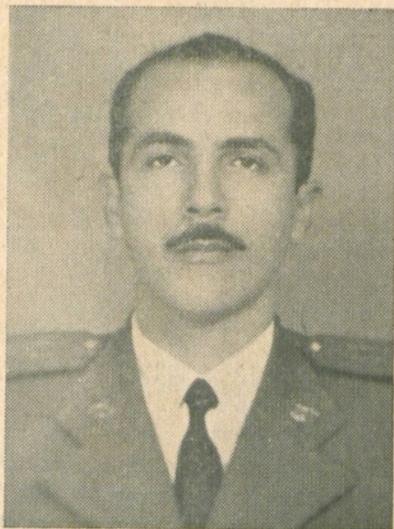
Ficou decidido que a Prefeitura elaborará um plano para a obtenção dos necessários recursos para fazer face às despesas de manutenção do novo serviço, após o que, em nova reunião, o assunto será resolvido em definitivo.

SERGIPE

A Polícia Militar de Sergipe registrou, com muita satisfação, o retorno do seu ilustre oficial, 1.º ten. Osvaldo de Albuquerque, que se encontrava, há mais de dois anos, na capital paulista, freqüentando os cursos de Criminologia, na Escola de Polícia, Informações Policiais, além de outros, mantidos pela valorosa Força Pública de São Paulo.

Volta, assim, o ten. Albuquerque, ao convívio dos seus camaradas, depois de um período bienal, no qual esteve à procura de maiores esclarecimentos concernentes à sua difícil missão de policial, em escolas de um aprimoramento a toda prova, como as que possui a nossa co-irmã bandeirante.

Moço inteligente, idealista, o ten. Albuquerque tem procurado elevar



1.º ten. Osvaldo Albuquerque

bem alto o nome e o conceito da Corporação, a quem, com verdadeira dedicação, serve. Hoje, com os seus conhecimentos ampliados, em face dos excelentes resultados obtidos em todas as provas a que foi submetido, por certo irá contribuir com bastante eficiência, no que diz respeito ao preparo do nosso soldado na sua árdua tarefa de mantenedor da ordem pública.

Ao ensejo desse auspicioso acontecimento, a Polícia Militar felicita o seu disciplinado oficial, pela maneira brilhante como se conduziu durante o tempo em que esteve afastado da Corporação, tendo, inclusive, logrado aprovação nos seus cursos, ao tempo em que lhe apresenta os mais sinceros votos de boas vindas além de um futuro promissor. (Do representante).



Direção do cap. Francisco A. Blanco Jr.

PROVA

"24 HORAS MOTOCICLÍSTICAS"

Pela segunda vez realizou-se no dia 22 de agosto último, com início às 17,00 horas, a prova de «24 horas em duplas», promovida pelo Centauro Moto Clube e Rádio Panamericana, a qual se estendeu até às

17,00 horas do dia seguinte, num desenrolar bastante expressivo. Prova de resistência, onde inapelavelmente haveria os contratempos próprios de disputa dessa modalidade, apresentou um transcorrer repleto de es-



A partir da esquerda: cabo Sebastião Brasileiro Alves, 3.º sgt. José Coelho da Silva, Subten. Aurélio Gurian, 1.º ten. José Silva Bueno, (comandante do Pelotão e preparador das equipes), 3.º sgt. Paulo Sebastião, 1.º sgt. Antônio Joaquim Pereira e 3.º sgt. José Peres Fernandes.

pectativas, verificando-se a constante luta do homem contra a máquina. Assim, excepcional brilho assinalou essa disputa, tão ansiosamente aguardada pelos adeptos do motociclismo do Brasil.

42 duplas se atiraram à luta, na majestosa pista de Interlagos, durante 24 horas de desafios à velocidade. A Fôrça Pública de São Paulo não poderia deixar de enfileirar-se no rol dos concorrentes. Tendo já tomado parte na I Prova, em 1952, o nosso Pelotão de Motociclistas representou a Corporação com 3 equipes perfeitamente treinadas e selecionadas entre os seus melhores elementos. E o fez condignamente, logrando as seguintes classificações:

Máquina n.º 5 - composta dos sgt. Antônio Joaquim Pereira e cabo Sebastião Brasileiro:

6.º lugar geral; 2.º na categoria acima de 500 C.C.; 1.º das Polícias.

Completo nas 24 horas, 2.040 Kms., com 255 voltas, numa média de 88,5 kms. horários.

Máquina n.º 3 - composta dos subten. Aurélio Gurian e sgt. José Peres Fernandes:

7.º lugar geral; 3.º na categoria acima de 500 C.C..

Máquina n.º 4 - composta dos sgt. José Coelho da Silva e Paulo Sebastião.

10.º lugar geral; 4.º na categoria acima de 500 C.C.

Merece especial menção a atuação da dupla sgt. Paulo Sebastião e sgt. José Coelho da Silva. Apresentando sua máquina um grave defeito no motor, foi obrigada a parar no box pelo espaço de nada menos de 3 horas, para os reparos que se faziam urgentes e necessários.

Mesmo assim, não desistiram da prova e corajosamente procuraram recuperar o precioso tempo gasto, atingindo as 24 horas com o muito honroso 10.º lugar na classificação geral.

Orientados por seu chefe, o ten. Bueno, que tudo fez para que a nossa Corporação fôsse bem representada, souberam os nossos valentes companheiros lutar bem. Enfrentaram máquinas excepcionais e próprias para a pista de Interlagos, além de volantes experimentados, alguns até campeões brasileiros, bem como motociclistas uruguaios. Está de parabens o Pelotão de Motociclistas da Fôrça, e os troféus conquistados irão enriquecer ainda mais a galeria da-quele operoso pelotão.



O homem superior, quando se encontra numa alta posição, não mostra nem fausto nem orgulho; o homem vulgar mostra fausto e orgulho até sem estar numa alta posição.

Kung - Tseu

GALERIA DE VALORES

No intuito exclusivo de arrancar do desconhecido, onde, muitas vezes, se escondem nossos grandes valores, apresentamos aos leitores os obreiros anônimos, formadores do grande nome e projeção que a Fôrça Pública tem tido no campo da cultura física, iniciando, com êste número, a «Galeria de valores», que visa focalizar



nossos atletas e suas conquistas, isto é, o seu currículo desportivo, desde o início da carreira.

Nesta apresentação fica, pois, o nosso aplauso sincero, o apóio irrestrito e o voto de progresso para os que elevam de alguma maneira o nome desportivo da Corporação.

Soldado **AUGUSTO CANDIDO DOS SANTOS.**

Idade: - 25 anos

Especialidades: - corridas (velocista) e boxe.

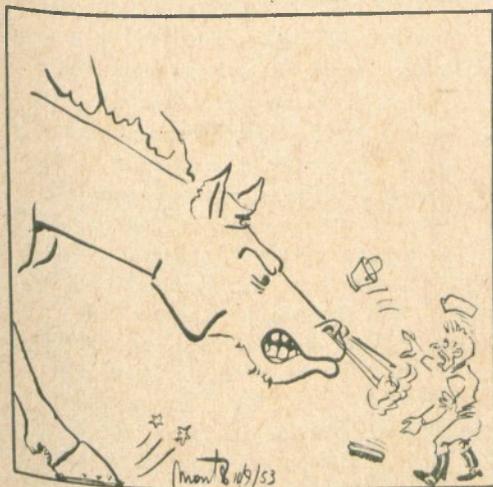
O sd. Augusto Cândido dos Santos dedicou-se, de início, ao esporte base (atletismo), na modalidade de corridas. E' um velocista nato, dada a facilidade que tem no desporto de Jess Owens. Descoberto no 6.º B.C., competiu pela primeira vez, participando da Competição Desportiva da Guarnição Federal de Santos, representando sua unidade de origem. Dada a sua inclinação pela velocidade, ingressou no Clube de Regatas Saldanha da Gama, de Santos, participando por aquêlê clube de muitíssimas provas, legando-lhe belíssimas vitórias em campeonatos oficiais e extra-oficiais. Atingiu rapidamente o estrelato, tornando-se, em 1950, vice-campeão paulista dos 100, 200 e 4 x 100 metros. Em 1951, numa ascensão brilhante, tornou-se campeão paulista dessas mesmas provas. E'

o maior velocista de 100 metros da Fôrça Pública, e o seu melhor tempo naquela distância foi de 10 segundos e 8 décimos, o que representa uma grande marca. Fazendo uma pequena pausa no atletismo, aliás erradamente, pois nele pode ainda atingir grande sucesso especializando-se cada vez mais nas velocidades, dedicou-se ao «boxe» amador, onde teve um grandioso início, chegando a ser considerado hoje, o 2.º meio-médio ligeiro do país.

Estreou vitorioso no Pacaembú, em 30-VI-52. Possui, em menos de um ano, onze (11) vitórias. Pertence atualmente, nesse setor, à Associação Desportiva Portuguesa de Desportos. Ao nosso atleta Cândido dos Santos, os nossos efusivos parabens.



PONTOS DE VISTA ...



O recruta vê o cavalo...



O cavalo vê o "perna..."

Tenente Heitor de Abreu Soares

CAMPEÃO BRASILEIRO DE FLORETE

Ten. Abenante de Melo e Souza

Como é do conhecimento geral, desenrolou-se em maio do corrente ano, em Pôrto Alegre, o Campeonato Brasileiro de Esgrima.

Desta feita a sorte sorriu aos esgrimistas cariocas que, em memorável jornada esportiva, arrebatarem aos paulistas a supremacia das Armas, sagrando-se campeões em florete e espada, por equipe e individual masculino, e em florete feminino, também por equipe e individual. Tal feito veio atestar a boa «performance» dos atiradores metropolitanos

Em recente competição a Federação Metropolitana de Esgrima fez a apuração dos seus maiores valores, a fim de representarem a entidade guanabarina na disputa do título máximo, nessa interessante modalidade de esporte. Além dos já conhecidos esgrimistas: Tomaz Carrilo, Virgílio Damásio etc., dois atiradores mais novos foram selecionados: Heitor de Abreu Soares e Luiz Lopes Filho, para integrarem a equipe de florete.

Não nos propusemos, neste despretencioso trabalho, dizer sobre o que foi o campeonato em si, mas

tão somente tecer alguns comentários acêrca da atuação do novo ostentador do título de Campeão Brasileiro de Florete, tenente Heitor de Abreu Soares. Levando de vencida seus adversários, o ágil e «terrível canhoto» soube se impor, trazendo para a Cidade do Cristo do Corcovado, mais êste laurel, mais uma pedra que será engastada ao diadema do desporto metropolitano.

Apesar da ótima forma física e técnica que desfrutava o valoroso esportista, era de se notar a espectralidade que reinava em tôrno de sua apresentação, receiando-se as emoções naturais dêsses momentos. O próprio Heitor, como tivemos oportunidade de verificar, momento antes do seu embarque, sentia-se emotivo ante a tremenda responsabilidade que lhe pesava sobre os ombros. Nós, que acompanháramos seu treinamento e que com êle convivemos nas lides diárias da caserna, cõscios do seu alto senso de responsabilidade, estávamos tranqüilos, na convicção plena que êle saberia honrar as gloriosas tradições dos atiradores guanabarinos. Não constituiu, pois, grande surpresa, quando nos chegou da

capital sulina a sensacional notícia da empolgante vitória do atual detentor do título de Campeão Brasileiro de Florete.

Damos a seguir, aos nossos leitores, alguns traços frizantes da carreira esportiva do nosso campeão. Lançando um olhar retrospectivo às atividades no setor dos esportes, vamos encontrá-lo em 1946 cursando a Escola de Educação Física do Exército; nos anos subsequentes, 1947 e 1948, exercendo as funções de chefe da Secção de Desportos do Departamento de Educação Física da Polícia Militar e instrutor da Escola de Formação de Oficiais desta tradicional Corporação; em 1949, como aluno do Curso de Mestre d'Armas da E.E.F.E.; nesse mesmo ano sagrou-se campeão de florete, espada e sabre, no Torneio de Estreantes da Federação Carioca de Esgrima; em 1950 e 1951 tomou parte em algumas provas de menor projeção; ainda em 1951 teve o seu retrato inaugurado no Departamento de Esportes do Tijuca Tênis Clube, agremiação pela

qual compete, como esgrimista n.º 1; em abril de 1952 sagrou-se Campeão de Espada das Forças Armadas de 1951; no mesmo ano, em São Paulo, sagrou-se Vice-Campeão Brasileiro de Florete.

Como tivemos oportunidade de ver, desde o seu ingresso nos misteres esgrimistas, revelou o nosso campeão grande inclinação para a referida modalidade de esporte, não constituindo presunção de nossa parte afirmarmos ser ele uma das esperanças do Brasil, em competições em que a nossa Pátria se faça representar.

E' com grande satisfação e orgulho, portanto, que prestamos nosso preito de admiração e respeito a este valoroso e disciplinado oficial da Polícia Militar, que soube tão bem representar a farda que enverga e as côres da Federação Metropolitana de Esgrima. Nossas congratulações ao tenente Heitor de Abreu Soares, à Polícia Militar, à Federação metropolitana de Esgrima e ao povo carioca.



PREFIRA O NOVO PACOTE DE 400 GRAMAS

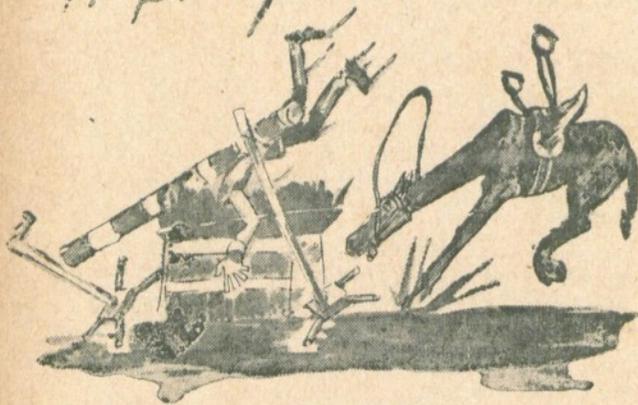
AMIDO DE MILHO

MAIZENA
DURYLEA

MARCAS REGISTRADAS

**É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E
MAIS BARATO!**

HIPISMO



Capitão

Plínio

Desbroussés

Monteiro

Em SAUMUR (França)

Sempre se apresentou a França com um alto expoente nas artes e nas ciências e, particularmente, no ramo da equitação está ela colocada entre os mais elevados cultores. Assim, nos é imensamente grato tomar conhecimento de que os nossos cavaleiros, caps. Fernando H. da Silva, Felix B. Morgado e ten. Sílvio Marcondes Rezende, que vêm aperfeiçoando seus conhecimentos e a prática equestre no «Centre de Perfectionnement Equestre de Saumur», estejam elevando o conceito dos nossos ginetes no exterior. Como prova dessa afirmativa, transcrevemos abaixo parte dos conceitos emitidos por instrutores e comandante daquela Escola de Aplicação de Arma Blindada e de Cavalaria:

«CAP. FERNANDO H. SILVA - Oficial inteligente e vivo, cheio de entusiasmo e experiência. Camarada excelente e alegre, ótimo compa-

nheiro. Cavaleiro já especializado em concursos hípicas, não pode senão adquirir bases em outras especialidades. Cavaleiro enérgico e audaz, manifesta um grande interesse pelos cursos que segue e só tende a progredir.

CAP. FELIX B. MORGADO - Oficial inteligente e fino, ponderado e refletido. E', além disso, um camarada afável e direito, um perfeito cavalheiro (gentleman). Aplicação e assiduidade esplêndidas. Atento ao trabalho aperfeiçoa-se cada dia. Esse oficial em todos os domínios honra a sua arma, e é muito apreciado pelos seus camaradas franceses. Calmo, enérgico e justo nas rédeas, tem boa mão e sabe observar, o que faz dele um bom árbitro.

TEN. SÍLVIO MARCONDES REZENDE - Já especializado na Equitação para concursos hípicas. Tem valor já assegurado que ele tende

a desenvolver. Camarada excelente e sempre bêm disposto, é um homem de educação perfeita e atencioso. Trabalha com assiduidade, interesse e reflexão no adestramento. Este oficial honrou, em todos os domínios, o militar brasileiro; e está perfeitamente adaptado ao meio militar francês».

É interessante notar-se, que esses conceitos, fruto de observação feita em limitado tempo pelos instrutores gauleses, vêm apenas corroborar o prestígio de que, na Fôrça Pública e nos meis hípicas paulistas, gozam aqueles oficiais do Regimento de Cavalaria. Isto ressalta o carinho dos instrutores de Saumur ao emitir sua opinião.

Tomaram parte os nossos oficiais, até o presente, em dois concursos, com os seguintes resultados transcritos do órgão francês «NOUVELLE REPUBLIQUE»:—

«TRADICIONAL CROSS DA MI-CARÊME EM VERRIE.

Bela assistência, ontem à tarde (13-III-1953), em Verrie, por ocasião do tradicional Cross da Mi-Carême. Infelizmente e pela primeira vez em muitos anos, o tempo frígido prejudicou essa reabertura que consagra ordinariamente a chegada da primavera. Entre a seleta assistência, quase toda militar, os uniformes de exércitos estrangeiros (sic), davam uma nota pitoresca.

Resultados:

8.º Cross: - 1.º lugar - Ten. Kogler (França), sôbre «Dactylo»; 2.º

lugar - ten. Rezende (Sílvio Marcondes) - Brasil - montando «Epervier»; 3.º lugar - cap. da Silva (Fernando Henrique) - Brasil - sôbre «Arnera»; 4.º lugar - cap. Morgado (Felix de Barros) - Brasil - conduzindo «Barbonal»; 5.º lugar

CAMPEONATO DE FRANÇA DO CAVALO DE SELA (Cavalo d'Armas).

Concurso realizado em 3 dias consecutivos (4, 5 e 6 de julho) e composto de: - 1.ª Parte - Adestramento (Picadeiro); 2.ª Parte - Exterior - 10 kms. de trote em estrada no tempo limite de 42', e em continuação um cross ao galope (limite 7' e 30"); 3.ª Parte - Pista de obstáculo, num percurso de 800 ms., com 12 obstáculos (14 saltos); prova em tempo.

Como vemos, este concurso põe à prova as máximas qualidades de cavalo e cavaleiro. Entre 21 renomados concorrentes, com grande experiência em provas desta natureza, os oficiais do R.C. da Fôrça Pública de São Paulo (com as desvantagens de quem se encontra em país estrangeiro e sem montadas próprias) se classificaram de magnífica forma: - 3.º lugar - cap. Fernando Henrique da Silva, montando «Evaporeuse»; 4.º lugar, cap. Felix de Barros Morgado, conduzindo «Barbonal».

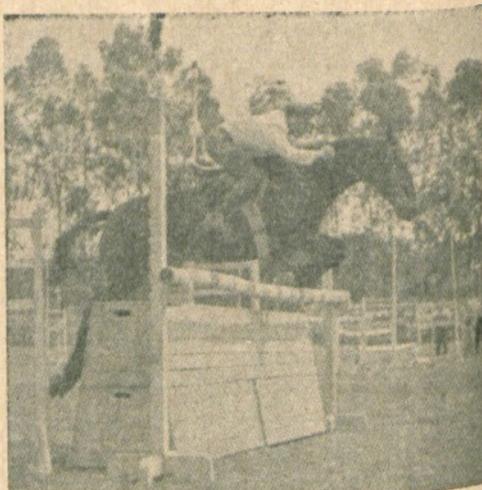
Diante disso, «Militia» somente pode desejar que os nossos brilhantes «écuyers» continuem a manter bem alto o renome da Fôrça Pública e do Brasil em terras de França, e que logo tenhamos o prazer de suas presenças amigas.

Prova "CAPRILE"

Patrocinada pela Federação Paulista de Hipismo, realizou-se no Picadeiro do C.H. Sto. Amaro, no domingo, (dia 16 de agosto), às 9 horas, a «Prova Caprile» — difícil certame de adestramento, feita em conjunto com saltos de obstáculos.

Em verdade, se trata de uma prova de obstáculos, e no intervalo dos mesmos são executadas as figuras de adestramentos fixadas pela regulamentação do concurso.

Dezesseis experimentados competidores esforçaram-se ardorosamente para conquistar uma classificação, e o resultado final foi o que se segue: — 1.º lugar, Bento José de Carvalho, da S.H.P., montando «Nankai»; 2.º lugar, sra. Anah de Melo Alves, da S.H.P., sobre «Amankai»; 3.º lugar, 1.º ten. Humaitá Vila Nova, (Fôrça Pública de São Paulo) conduzindo «Santa Fé».



O ten. Humaitá Vila Nova, conduzindo «Santa Fé».

Dada a circunstância de ser uma prova que aquilata a fundo as qualidades do cavalo e cavaleiro, muito honrosa foi a classificação do nosso representante, ten. Humaitá.



1 PACOTE DE 400 GRAMAS

CUSTA MENOS

DO QUE 2 DE 200 GRAMAS!

AMIDO DE MILHO

MAIZENA

DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

TRIANGULO



DÔR - GRIPE - RESFRIADOS
RHODINE
CAFEINADA

A boa enfermeira



PANAM — Casa de Amigos



TROFÉU "PROF. LUCAS NOGUEIRA GARCEZ"

O Troféu «Professor Lucas Nogueira Garcez», instituído para ser disputado nos anos de 1952, 1953 e 1954, teve sua segunda fase iniciada a 2 de agosto último, com a primeira prova do VIII Campeonato Paulista de Tiro ao Alvo: - Pistola livre - 60 tiros a 59 metros.

Na primeira fase, realizada em 1952, a vitória coube ao Clube de Regatas Tietê com 71 pontos, seguindo-se as turmas da Associação Desportiva Floresta, com 56 pontos e da Fôrça Pública do Estado, com 31 pontos.

Prova de pistola livre: - 60 tiros a 50 metros.

Campeão paulista: - ten. cel. Rubens Teixeira Branco.

Vice-campeão: - cap. Jorge Mesquita de Oliveira.

Equipe campeã paulista: - Fôrça Pública do Estado.

A primeira das provas do presente Campeonato Paulista foi a de pistola livre. Essa modalidade teve, de 1946 para esta data, um progresso bastante expressivo, ascendendo dos 448 pontos do então primeiro tenente Jorge M. de Oliveira, o que constituiu o recorde daquela época, até os 512 alcançados em 52 por Alan Sobocinski; existem entretanto, melhores resultados. Esta última disputa, venceu-a o ten. cel. Rubens Teixeira Branco, com o total de 508

pontos, seguido do cap. Jorge M. de Oliveira, com 505 pontos.

A Fôrça Pública de São Paulo, dessa forma, venceu categoricamente, colocando nos primeiros lugares a dupla que de fato se constituiu de seus melhores atiradores. Brilhou a Corporação, também, por equipe, colocando a melhor turma na primeira colocação.

Resultados técnicos: - 1.º lugar - ten. cel. Rubens T. Branco - F.P.; 508 pontos; 2.º lugar - cap. Jorge M. de Oliveira - F.P. - 505 pontos; 3.º lugar - dr. Pedro Simão - C.R.T. - 505 pontos; 4.º lugar - Carlos Cirilo - C.R.T. - 497 pontos; 5.º lugar - Pedro M. Packness - C.R.T. - 494 pontos; 6.º lugar - Luiz Guilherme Cordes - C.R.T. - 490 pontos; 7.º lugar - ten. Flávio Capelleti - F.P. - com 489 pontos.

Classificação por equipes

1.º lugar - Equipe Campeã Paulista - Fôrça Pública do Estado, com 1.502 pontos.

Constituição da equipe - ten. cel. Rubens Teixeira Branco, cap. Jorge M. de Oliveira, ten. Flávio Capeletti.

2.º lugar - Equipe vice-campeã - Clube de Regatas Tietê, com 1.492 pontos.

PROVAS DE CARABINA

3 x 40 e 50/100

Nas provas de carabina não se esperava surpresa. Os vencedores

foram os que já possuíam os maiores índices técnicos. Sem dúvida, verifica-se um excelente progresso nas armas longas; na prova das três posições 14 atiradores conseguiram ultrapassar os mil pontos. A equipe da Fôrça, embora modesta, atuou dentro de suas reais possibilidades. Seu primeiro classificado foi o major Autilio Gomes de Oliveira, com 1016 pontos, marca relativamente boa.

O vencedor, Severino Moreira, do C.R.T., confirmou a expectativa com o grande resultado de 1130 pontos (recorde paulista), seguido por seu companheiro de Clube, o notável atirador Armando Braga, com 1.108 pontos.

Na prova de 50/100, tivemos a grande vitória de Minoru Kusuki, o excelente representante do Tênis Clube de Presidente Prudente, que honrou sobremaneira o tiro do interior paulista. Conseguiu aquele atirador o ótimo resultado de 595 pontos. Secundou-o, com brilhantismo, o atirador Severino Moreira, do Tietê. Em terceiro lugar colocou-se um novo mas já ótimo atirador de arma longa, Mário Sobhia, com 593 pontos.

Classificação por equipes

1.º lugar - Campeão Paulista - Clube de Regatas Tietê; 2.º lugar - Associação Desportiva Floresta; 3.º lugar - Associação Mogiana de Tiro ao Alvo.

Convém ressaltar a brilhante atuação da equipe de Mogí das Cruzes, sem dúvida a mais homogênea do nosso interior.

Prova Fuzil de Guerra

Campeão Paulista - Armando Braga;

Vice-Campeão - Milton Sobocinski.

Com essa difícil prova, encerrou-se o VIII Campeonato Paulista com a vitória final do Clube de Regatas Tietê, pela 6.ª vez. Armando Braga, o campeoníssimo atirador do Clube vermelhinho, fez valer novamente a sua grande classe, alcançando o resultado de 449 pontos. Secundou-o de maneira elogiável o jovem grande atirador Milton Sobocinski, do Floresta, com 443 pontos.

Cumpra ressaltar a boa atuação dos atiradores da Fôrça Pública, que vêm de apresentar um resultado estupendo, fruto de um treinamento intensivo e da boa vontade individual.

Os tenentes Sadoc Chaves Simas, Alvaro J. Altmann, cap. Ello Afonso da Cunha e major Autilio Gomes de Oliveira, caminham a passos largos e o progresso é evidente.

Resultados gerais

1.º lugar - Campeão Paulista - Armando Braga, do C.R.T., com 449 pontos; 2.º lugar - Vice-campeão - Milton Sobocinski, do A.D.F., com 443 pontos; 3.º lugar - Severino Moreira, do C.R.T., com 434 pontos; 4.º lugar - ten. Sadoc Chaves Simas, F.P., com 425 pontos; 5.º lugar - Sérgio Linn, do A.D.F., com 416 pontos; 6.º lugar - ten. Alvaro J. Altmann, da F.P., com 407 pontos.

Considerações gerais

Foi excelente a realização do VIII Campeonato Paulista de Tiro ao Alvo. Está de parabens a F.P.T.A., pela organização do certame. Tudo correu bem e mais uma vez houve uma confraternização perfeita no transcórre das diversas provas.

A Fôrça Pública brilhou e seus atiradores merecem os nossos maiores elogios. Representaram condignamente a Corporação.

NOSSOS REPRESENTANTES

Representam MILITIA no Exterior, nos Estados e Territórios

BOLÍVIA (Cuerpo de Carabineros)

— Dirección General de Policía (La Paz) — cap. Saul Herbas Casanovas.

CHILE (Cuerpo de Carabineros)

— Prefectura General (Valparaiso) — capitán Franklin Troncoso Bacler.

— IV Zona de Carabineros (Concepcion) — capitán Moysés Suty Castro

ACRE (Guarda Terretorial)

— Q.G. (Rio Branco) — ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque.

ALAGOAS (Policia Militar)

— Q.G. (Maceió) — cap. Cavalcante Maranhão.

AMAPA (Divisão de Segurança e Guarda)

— Séde (Macapá) — Raimundo Walter Luz.

AMAZONAS (Policia Militar e Corpo de Bombeiros)

— Major Cactano Felix do Nascimento

BAHIA (Policia Militar)

— Q.G. (Salvador) — cap. Gestsemani G. da Silva.

CEARA (Policia Militar)

— B.I. (Fortaleza) — 1.º ten. Antônio Nilson Rodrigues.

DISTRITO FEDERAL (Policia Militar)

— Q.G. (Rio de Janeiro, D.F.) — major Darcy Fontenelle Castro.

— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — ten. Manoel Apolinário Chaves.

— 6.º B.I. (Rio de Janeiro, D.F.) — cap. Hélio Miranda Quaresma.

— Escola Técnica do E.B. — cel. pe. João Tenei de Camargo e Silva.

ESPIRITO SANTO (Policia Militar)

— Q.G. (Vitória) — 1.º ten. Alfredo P. Barroca.

GOÍAS (Policia Militar)

— Q.G. (Goiânia) — 2.º ten. Brasil Coury.

MARANHAO (Fôrça Policial)

— Q.G. (São Luiz) — major Arlindo Faray.

MATO GROSSO (Policia Militar)

— Q.G. (Cuiabá) — ten. cel. Gonçalo Romão de Figueiredo.

— 2.º B.C. (Campo Grande) — ten. cel. Hermenegildo T. do Nascimento.

MINAS GERAIS (Policia Militar)

— B.G. (Belo Horizonte) — cap. Antônio Norberto dos Santos.

PARÁ (Policia Militar)

— Q.G. (Belém) — cap. Walter Moreira Cals.

PARAIBA (Policia Militar)

— Q.G. (João Pessoa) — 1.º ten. José Belarmino Feitosa Filho.

PARANA (Policia Militar)

— Q.G. (Curitiba) — cap. Washington Moura Brasil.

— Guarda Noturna (Curitiba) — sr. Flpiano José da Costa.

RIO DE JANEIRO (Policia Militar)

— Q.G. Capitão Walter Zulmiro Pereira de Castro.

RIO GRANDE DO NORTE (Policia Militar)

— Q.G. Capitão Antônio Moraes Neto.

RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)

- Q.G. (Porto Alegre) — 2.º ten. Ernani Pereira de Aquino.
- 4.º B.C. (Pelotas) — cap. Renato Moro Ramos.
- 2.º R.C. (Livramento) — 2.º ten. Carlos Cravo Rodrigues.

SANTA CATARINA (Policia Militar)

- Q.G. (Florianópolis) — 2.º ten. Manoel Gomes.

SAO PAULO (Fôrça Pública)

- Q.G. (Capital) — cap. Nelson Agostinho Ferreira.
- C.F.A. (Capital) — 1.º ten. Osvaldo Hildebrand.
- B.G. (Capital) — 1.º ten. João Vieira de Lima
- Btl. Tobias de Aguiar (Capital) — 2.º ten. Jorge Paes Leme.
- R.C. (Capital) — 2.º ten. Gumercindo Guimarães.
- C.B. (Capital) — cap. Samuel Rubens Armond.
- B.P. (Capital) — 2.º ten. Hélio Guaicuru de Carvalho.
- 2.º B.C. (Capital) — 1.º ten. Ricardo Gonçalves Garcia.
- 3.º B.C. (Ribeirão Preto) — 1.º ten. Odilon Spinola Neto.
- 4.º B.C. (Bauru) — 2.º ten. Alaôr de Souza Campos.
- 5.º B.C. (Taubaté) — 2.º ten. Mário Ferreira.
- 6.º B.C. (Santos) — 1.º ten. Luiz Nobrega e Silva.
- 7.º B.C. (Sorocaba) — ten. Alvaro Parreiras.
- 8.º B.C. (Campinas) — 1.º ten. Osvaldo Teixeira Pinto.
- S.M.B. (Capital) — cap. Olivio Franco Marcondes.
- S.E. (Capital) — cap. Augusto de Abreu.
- S.I. (Capital) — 1.º ten. José Picelli.
- S.F. (Capital) — 2.º ten. Mário Costa e Silva.
- S. Trns. (Capital) — cap. Joaquim Gouvea Franco Junior.
- S. Subs. (Capital) — ten. Tiago Vilaverde Prior.
- E.E.F. (Capital) — 1.º ten. Ademar Ferreira.
- S.T.M. (Capital) — 1.º ten. Hildebrando Chagas da Silva.
- S.S. - H.M. (Capital) — cap. Irani Paraná do Brasil.
- 1.ª Cia. Ind. (Mogi das Cruzes) — 1.º ten. Manoel Molica.
- 2.ª Cia. Ind. (S. José do Rio Preto) — 1.º ten. José Ribeiro de Godoi.
- 3.ª Cia. Ind. (Presidente Prudente) — cap. Divo Barsotti.
- 4.ª Cia. Ind. (Araraquara) — cap. Antônio Augusto de Souza Filho.
- 1.ª C.I.B. (Santos) — cap. José Limongi França.
- Rádio Patrulha (Capital) — sr. Epaminondas Caldas Camargo.
- Cia. Policiamento Rodoviário (Capital) — 1.º ten. Jalmar C. Costa.
- Polícia Florestal (Capital) — cap. Alfredo Costa Junior.

SERGIPE (Policia Militar)

- Q.G. (Aracaju) — 2.º ten. José Félix da Silva.

Além dos supra mencionados, mantemos agentes em tôdas as cidades do interior do Estado de São Paulo e ainda em numerosas outras cidades do Brasil.

SECÇÃO DE ÉDIPPO

DIRETOR: AESSE

3.º TORNEIO DE 1953

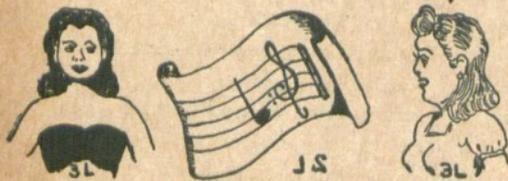
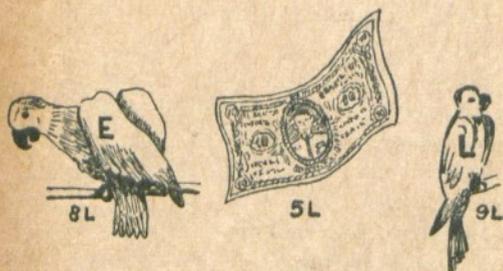
JULHO — AGOSTO — SETEMBRO

CHARADA ANTIGA

- 31 — Nega o sustento à família - 1
(Isto é penoso dizer) 2
O João, marido de Emília,
Sovina de enloquecer.

Q. Q. NINO

- 32 — ENIGMA PITORESCO.



CHARADA AUXILIAR

- 33 — + do = rumo do navio
+ do = concedido
+ do = lama
Conceito = Robalinho.

Plínio D. Monteiro



CHARADAS NOVISSIMAS

- 34 — Peguei meu cajado e meti o ripo num
magricelo - 2-1.

Cel. S. O. Silva

- 35 — Semelhante mentira não exige rixa -
1-2.

K. D. T.

- 36 — O turista percorre em passeio a ci-
dade, e pára para tomar uma bebida
espécie de batida - 2-2.

Pompeu Júnior

- 37 — Com a pata, o galgo matou a pinto
pelado - 1-2.

Paulista Velho

CHARADAS SINCOPADAS

- 38 — O ato de ser covarde, além de cruel
é coisa ridícula - 4-2.

K. D. T.

- 39 — Havia uma balisa que indicava uma
parada suave - 3-2.

Cel. S. O. Silva

- 40 — E' interessante a ciência oculta es-
tudada por êste velhaco - 3-2.

Plínio D. Monteiro

- 41 — Do homem albino tenho receio - 3-2.

X. P. T. O.

CHARADAS CASAIS

- 42 — Tamanho barulho e ninguém caiu no
abismo - 2.

Cel. S. O. Silva

43 — Tua presença é coisa rápida - 2.

K. D. T.

44 — Lã de carneiro não é abrigo de sentinela - 2.

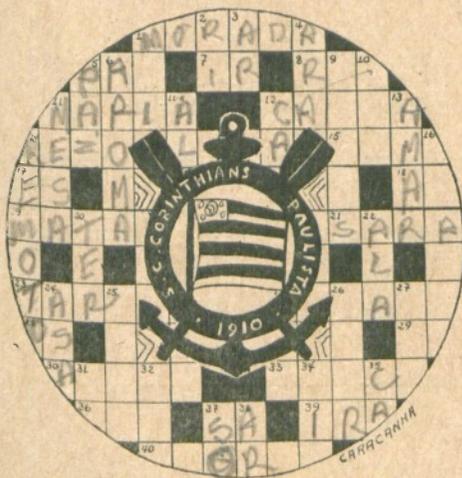
Silvosky

45 — Foi ao poste a que se prendem os condenados por causa de um boato-3.

P. Rego

PALAVRAS CRUZADAS

Problema de José Rináldi Caracanha



Horizontais: — 1 - Habitação; 5 - Re-provação em exame; 7 - Partir; 8 - Es-teiro ou braço de rio próprio para na-vegação; 11 - Nome de mulher; 12 - Apa-rência; 14 - Oro; 15 - Enxerga; 17 - Ver-rão; 18 - Sufixo designativo de agente; 19 - Bosque; 21 - Cura; 23 - Defeito fi-sico ou moral; 26 - Insensibilidade; 28 - Artigo masculino, (pl.); 29 - Sufixo de-signativo de agente; 30 - Homem muito gordo; 33 - Ciência da moral; 36 - Ora!; 37 - Forma feminina de são; 39 - Cólera; 40 - Desonesto.

Verticais: — 1 - Forma apocopada de muito; 2 - Graceja; 3 - Fisionomia; 4 - Altar dos sacrifícios; 5 - Instrumento agrícola, (pl.); 6 - Perfume agradável; 9 - Chamariz; 10 - Mau cheiro; 11 - Gra-de ou altar para comunhão; 11-a - Símbolo do alumínio; 12 - Aqui; 13 - Afeição pro-funda; 14 - Distante; 16 - Lavrador; 20 -

Possuir; 22 - Filleira; 24 - Membro em-penado das aves; 25 - Levantar; 26 - Declinar; 27 - Apologia; 31 - Ama seca; 32 - Contração da preposição de com, o advérbio aí; 34 - Acento gráfico; 35 - Aqui; 37 - Único; 38 - Atmosfera.

SOLUÇÃO DO 1.º TORNEIO DE 1953

1 - Espoleta; 2 - Farofa; 3 - Bem-estar; 4 - Formoso; 5 - De frente; 6 - Malogrado; 7 - Janota; 8 - Ilota; 9 - Lapisada-lada; 10 - Ergotismo-ermo; 11 - Jogata-jota; 12 - Timoneiro-tiro; 13 - Magano-a; 14 - Junta-o; 15 - Primeiro-a; 16 - Manipresto; 17 - Tabacada; 18 - Le-trado; 19 - Montano; 20 - Nicotino; 21 - Inocente; 22 - Número; 23 - Talar; 24 - Perjuro; 25 - Pitoco-pico; 26 - Maneta-mata; 27 - Médico-meco; 28 - Ponta-o; 29 - Farda-o; 30 - Manho-a; 31 - Mal-propício; 32 - Quem acha encaixa; 33 - Az; 34 - Número; 35 - Maloca; 36 - La-mina; 37 - Monacanto; 38 - Metodista-meta; 39 - Garoto gato; 40 - Surrado-sur-do; 41 - Soroca-soca; 42 - Falto-a; 43 - Heráldico-a; 44 - Fecho-a; 45 - Tatá-o.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1

Horizontais: — Pará - Irar - Ai - Cá - Si - Arca - Tule - Ceci - Iara - Si - Cura - Cá - Soro - Lá - Ré - Decretos - Ri - Os.

Verticais: — Caco - Ré - C.C. - Ler - Pi - Cai - Saci - Araci - Suco - Raias - Irar - Ar - Ita - Orto - Ur - Eos - La - Teia.

PROBLEMA N.º 2

Horizontais: — Alamo - Rei - Ar - It - Ser - Enora - Canal - Arame - Mi - Ag - Árida - Sinal - Disco - Lá - Bi - Atola.

Verticais: — Arame - Ler - Ai - Os-tra - Rei - Só - Camas - Ariri - Na - Amada - Legal - In - Delta - Só - Opila - Mó.

PROBLEMA N.º 3

Horizontais: — Fel - Aba - Arabizar - Te - AM - Ta - Imolador - Dinâmica - It - De - AM - Canastra - Asa - Ias.

Verticais: — Fatídica - Eremitas - La -
ON - Na - Az - Di - Ti - Batocara -
Araramas - Balada - Imames.

PROBLEMA N.º 4

Horizontais: — Matérias - Ar - Nero -
Relato - Enase - Mime - Ota - To.

Verticais: — Maremoto - Arenito -
Enase - Eter - Iro - Ao - Lama.

PROBLEMA N.º 5

Horizontais: — Atafal - Lorica - Are-
nas - Naus - Erro - Tu - Um - Ca - Ar -
NE - Ou.

Verticais: — Ala - Tornel - Tucano -
Arear - Lumaréu - Finura - Acaso - Lás.

PROBLEMA N.º 6

Horizontais: — Garfo - Abada - Era -
Ler - E'bia - Sauá - Sistemático - Elidi -
Ar - Ai - Nu - El - Alpim - Motim -
Cruz - Gera - Lar - Pia - Ópera - Iaras.

Verticais: — Grés - Reis - Fraternal -
zar - Oa - Al - Bestialogia - Araí - Arão
- Bis - Ami - Uca - El - Ad - Vir - Um -
Em - Gir - Acro - Pule - Tear - Maus -
Rã - Pi.

DECIFRADORES E PONTOS OBTIDOS

Paulista Velho e Pompeu Júnior, 51
pontos; K. D. T., 50 pontos; Z. B. D. U.
e C. Bento, 49 pontos; P. Rego, Lino e
Q. Q. Nino, 43 pontos e X. P. T. O.,
38 pontos.

Desempate

O desempate será feito pela loteria
federal do dia 31 de outubro, ficando
Paulista Velho com as finais pares e
Pompeu Júnior, com as ímpares, para o
1.º prêmio.

Para o segundo prêmio os concorren-
tes, na ordem em que se acham, ficarão
com os finais 1 a 7 da mesma loteria; se
sair 8, 9 ou 10, valerá o 2.º prêmio, e as-
sim por diante até o desempate.



NOSSA CAPA

SÍMBOLO DE UMA
ÉPOCA — A última ex-
plosão atômica no de-
serto de Nevada. (Foto
liberada pelo governo
americano).

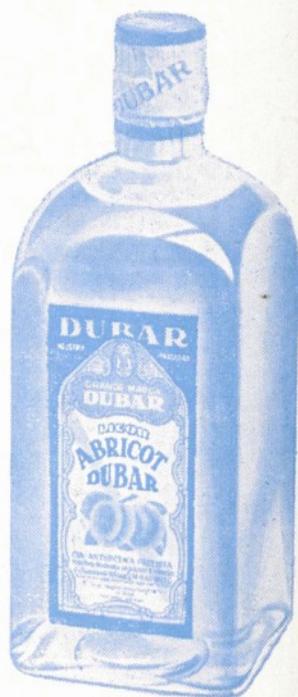




LICORES
DUBAR



*uma
"presença"
indispensável
nas Festas*



DUBAR

uma delícia Dubar para cada paladar

GRÁTIS - Envie seu endereço para a Caixa Postal 4100, S. Paulo e receberá um folheto com receitas dos melhores coquetéis Dubar